

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Francisco Goldschmidt Filho

CRITÉRIOS UTILIZADOS PELOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA
A ESCOLHA DOS ESPORTES TRATADOS EM SUAS AULAS ENTRE O 6º E O 9º
ANO: cotidiano de três escolas da rede estadual de ensino de Porto Alegre

Porto Alegre,
2010

Francisco Goldschmidt Filho

CRITÉRIOS UTILIZADOS PELOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA
A ESCOLHA DOS ESPORTES TRATADOS EM SUAS AULAS ENTRE O 6º E O 9º
ANO: cotidiano de três escolas da rede estadual de ensino de Porto Alegre

Monografia apresentada à escola de Educação Física da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito
parcial para a obtenção de grau de Licenciado em Educação
Física.

Orientador: Prof. Dr. Alex Branco Fraga

Porto Alegre,
2010

Francisco Goldschmidt Filho

CRITÉRIOS UTILIZADOS PELOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA
A ESCOLHA DOS ESPORTES TRATADOS EM SUAS AULAS ENTRE O 6º E O 9º

ANO: cotidiano de três escolas da rede estadual de ensino de Porto Alegre

Conceito Final: _____

Aprovado em: de de

BANCA EXAMINADORA

Prof. Mário Roberto Generosi Brauner- UFRGS

Orientador: Prof. Alex Branco Fraga - UFRGS

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo apoio, auxílio e amor durante estes anos de graduação, em especial a minha mãe Maria das Graças, meu pai Francisco e minha irmã Emmanuelle.

À minha namorada Fernanda, pelo amor, compreensão e companheirismo. À sua família pelo carinho.

Ao meu orientador, Alex Branco Fraga, por ter contribuído para a realização deste trabalho, me auxiliando sempre que necessário e por acreditar no meu potencial.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo ensino gratuito e de qualidade.

Aos professores da Escola de Educação Física da UFRGS pelo aprendizado transmitido.

A todos os integrantes do PET – Educação Física pelos anos de aprendizado e amizade.

Aos amigos que a universidade me proporcionou, aos amigos de Porto Alegre e de Rio Pardo, pelos momentos de descontração, por torcerem pelo meu sucesso e por entenderem minhas muitas ausências.

Às escolas e professores que participaram deste trabalho, viabilizando a sua realização.

Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo,
qualquer um pode começar agora
e fazer um novo fim.

(Chico Xavier)

RESUMO

O esporte é um conteúdo que assume um caráter muito importante enquanto componente da educação física na escola básica, devendo ser trabalhado de forma abrangente e diversificada. Nessa perspectiva, este estudo se propõe a identificar quais os critérios que os professores de educação física utilizam para a escolha dos esportes a serem desenvolvidos em suas aulas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. De modo mais específico, busca verificar se os professores dão preferência àqueles esportes que lhes são mais familiares, ou seja, aqueles que têm maior domínio; identificar se há a articulação da disciplina com o projeto pedagógico da escola para a elaboração de um plano de estudos e se os esportes são desenvolvidos através de um plano de trabalho bem estruturado. Identificar se os Referenciais Curriculares do RS da disciplina estão sendo levados em consideração para a organização de suas aulas. Participaram deste estudo seis professores de três escolas da rede estadual de ensino da cidade de Porto Alegre - RS. Este trabalho, de caráter qualitativo, teve como procedimentos metodológicos a utilização de entrevistas semi-estruturadas, as quais foram articuladas com o referencial teórico. Evidenciou-se nas falas dos professores que suas justificativas para determinar os esportes se dão basicamente por conta das limitações materiais e de espaços apropriados nas escolas; suas experiências pessoais; bem como que muitas vezes não seguem um plano de trabalho bem definido, com o argumento que na escola estadual não há um controle por parte da escola nas atividades relacionadas à disciplina.

Palavras-chave: escola, educação física, esporte, professor

ABSTRACT

Sport practice assumes a very important role as component of physical education teaching at elementary school, as such, it should be worked on a comprehensive and diverse way. This study proposes to identify the criterion used by physical education teachers in order to select which sports to develop during their classes for the 6th to 9th year of elementary school. Specifically, to verify whether teachers give preference to those sports that they are more familiar with instead of a more varied selection; identify whether there is a connection between the classes taught and the school educational plan; identify whether sports are developed through a well structured plan; identify whether RS's Curriculum Guidelines are being taken into consideration when preparing classes. Six teachers from three different public schools of Porto Alegre - RS took part on this study. This qualitative study has as methodological procedure the use of semi-structured interviews performed following theoretical reference guidelines. It was evident in the teacher's report that the deciding factors for sport's selection are usually based on material and space available for the practice of the sport in question; personal experience; and that they often do not follow a well defined work plan, based on the argument that at the public school (here in RS) there is not a control by the school concerning to the activities related to the discipline.

Key-words: school, physical education, sport, teacher.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP – Projeto Político Pedagógico

SUMÁRIO

| | | |
|----|--|----|
| 1. | INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 2. | REVISÃO DE LITERATURA..... | 16 |
| | 2.1 A escola e o esporte | 16 |
| | 2.2 O professor e o esporte | 19 |
| 3. | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 25 |
| | 3.1. Problema..... | 25 |
| | 3.2. Questões de pesquisa..... | 25 |
| | 3.3. Sujeitos..... | 25 |
| | 3.4. Pressupostos éticos..... | 26 |
| | 3.5. Instrumentos de coleta de dados..... | 27 |
| | 3.6. Tratamento dos dados..... | 28 |
| 4. | CONHECENDO AS ESCOLAS E SEUS ESPAÇOS..... | 31 |
| 5. | DISCUSSÃO | 33 |
| | 5.1. A escolha da educação física como profissão..... | 34 |
| | 5.2. A prática docente nas aulas de educação física..... | 37 |
| | 5.2.1. O trabalho do esporte nas aulas de educação física..... | 39 |
| | 5.2.2. Justificativas para a escolha dos esportes abordados em aula... | 42 |
| | 5.3. A articulação entre escola e professor para a elaboração das aulas de educação física..... | 45 |
| | 5.3.1. Análise dos Planos de Estudo e Planos de Trabalho..... | 46 |
| | 5.3.2. Perspectivas para a educação física com a implantação dos referenciais curriculares nas escolas do estado..... | 49 |
| 6. | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 51 |
| | REFERÊNCIAS..... | 54 |

| | |
|--|----|
| ANEXO 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido..... | 60 |
| ANEXO 2: Roteiro da entrevista..... | 61 |

1. INTRODUÇÃO

A educação física escolar há tempo busca se livrar do rótulo de disciplina meramente prática que não tem o que ensinar. Pelo menos desde a década de 1980, com um movimento que surgia na área (movimento renovador da Educação Física), há a tentativa de desvincular a educação física deste rótulo, ou seja, uma disciplina que não consegue explicitar seu objeto de estudo. Este movimento procurava se contrapor ao decreto nº 69.450/71, publicado durante a ditadura militar, que contemplava a educação física como uma atividade escolar voltada para o desenvolvimento da aptidão física. Na esteira do movimento renovador, emergem na década de 1990 dois documentos que viriam a enfrentar diretamente este estigma, que foi a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) em 1996 e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1998. González e Fraga (2009) afirmam que:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9394/96) e, posteriormente os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) contribuíram para a consolidação da educação física como componente curricular da escola básica (p. 113).

Mesmo com tanta discussão sobre problemas existentes nestes documentos, não se pode ignorar a importância de ambos. Foi a LDB nº 9394/96 que garantiu a educação física como componente curricular da escola básica e os PCN que legitimaram o objeto de estudo da educação física, que tem os mesmos objetivos das demais matérias da escola básica, formar cidadãos críticos, responsáveis e éticos. Porém diferente das demais, se utiliza da cultura corporal de movimento para chegar a estes fins.

(...) rompe com o tratamento tradicional dos conteúdos que favorece os alunos que já têm aptidões, adotando como eixo estrutural da ação pedagógica o princípio da inclusão, apontando para uma perspectiva metodológica de ensino e aprendizagem que busca o desenvolvimento da autonomia, da cooperação, da participação social e da afirmação de valores e princípios democráticos (BRASIL, 1998, p. 62).

Os conteúdos a serem desenvolvidos na educação física, previstos nos PCN, são os seguintes: esportes, jogos, lutas, ginástica, atividades rítmicas e expressivas e conhecimentos sobre o corpo (BRASIL, 1998). Abordava, de uma forma bem

abrangente, o que deveria ser estudado nas aulas de educação física. Por se tratar de um documento nacional, e por ser uma primeira tentativa de organização do que estudar na disciplina na perspectiva da cultura corporal de movimento, não havia como ser algo mais específico, devido entre outros fatores, a grande diversidade cultural existente nas mais diferentes regiões do Brasil.

Os PCN, que contemplavam não só a educação física como também as demais disciplinas da escola básica, era um material muito amplo, que não havia recomendações sobre como “fazer acontecer” na prática. Pensando nessas limitações e almejando recursos para auxiliar o trabalho docente, alguns estados resolveram confeccionar seus referenciais curriculares, ideia já prevista na LDB, sendo que o Rio Grande do Sul iniciou a confecção deste material para a rede estadual de ensino no ano de 2008, ficando disponíveis no final de 2009 e sendo implementados nas escolas estaduais do estado no início de 2010.

Seu objetivo principal é servir de apoio aos docentes na hora de construir seus planos de estudo, abordando os conteúdos que devem ser desenvolvidos nos diferentes anos da escola básica. Desta forma as instituições têm os conteúdos mínimos a serem trabalhados em cada ano, porém podem e devem ser adaptados às particularidades regionais e locais de cada escola.

Percebe-se que os Referenciais Curriculares da Educação Física procuram tratar de uma forma mais específica os conteúdos da disciplina. Diferenciam-se em alguns pontos dos PCN, porém valem-se da herança deixada pelo documento nacional. Os conteúdos são baseados em temas estruturadores que constituem o objeto de estudo da disciplina. Estes temas são divididos em dois grupos, o primeiro com práticas tradicionalmente tratadas como competências da educação física: esporte, ginástica, jogo motor, lutas, práticas corporais expressivas, práticas corporais junto à natureza e atividades aquáticas. Já o segundo grupo aborda as representações sociais que constituem a cultura de movimento afetando a educação dos corpos de um modo geral, não estando diretamente ligado a uma prática corporal específica, que são práticas corporais e sociedade e práticas corporais e saúde (GONZÁLEZ; FRAGA, 2009).

Dentre esta gama de conteúdos a serem abordados e desenvolvidos na educação física escolar me deterei em falar especificamente do esporte. Não classificando como bom ou ruim, mas esporte é o tema mais abordado nas aulas de educação física, e de modo geral é um conteúdo que prende a atenção dos alunos.

Esse pensamento se reforça pela repercussão que o esporte tem na mídia e pelo prazer que muitos indivíduos sentem ao praticá-lo. O esporte é um excelente meio para se trabalhar a cultura corporal de movimento (não que os demais conteúdos a serem desenvolvidos não sejam), o respeito, a ética, a disciplina, limites, entre outros valores. No entanto há de se tomar certos cuidados ao tratar o esporte nas aulas de educação física como alerta Molina Neto (1996) ao salientar que o esporte não pode ser trabalhado na escola como mera reprodução do esporte de alto rendimento.

O esporte na escola deve ser trabalhado de forma que se respeitem às diferenças tanto raciais quanto de gênero, pois meninos e meninas vão (ou deveriam) praticá-lo juntos. Nota-se que há uma série de formas de se trabalhar o esporte na escola, como conhecer os aspectos históricos sociais relacionados aos esportes, participar dentro do contexto escolar de esportes tanto na forma recreativa, como também na forma competitiva. Através da prática da cultura corporal de movimento os alunos podem praticar modalidades esportivas tanto de caráter individual como de coletivo, nos contextos participativo e competitivo. Ensinar a compreensão dos aspectos técnicos e táticos do esporte no contexto escolar (BRASIL, 1998).

É muito importante que os professores trabalhem um maior número de modalidades esportivas em suas aulas, mas que isto seja feito com critérios, ou seja, que ele saiba por que está trabalhando este ou aquele esporte e por que é importante que os alunos os estudem na escola. Porém não é isso que tem se visto na prática, para Betti (1999) há a necessidade de os professores de educação física trabalhar novas modalidades esportivas em suas aulas, também ressaltando o problema de se trabalhar os mesmos esportes ano após ano e independente da faixa etária. É imprescindível que o aluno tenha a oportunidade de vivenciar e aprender um maior número de esportes, de uma forma contextualizada, desenvolvendo aspectos atitudinais (saber ser), conceituais (saber sobre) e procedimentais (saber fazer), contribuindo significativamente para a ampliação/aprimoramento de sua cultura corporal de movimento. Claro que não me refiro a todas as modalidades esportivas, mas buscar esportes que tenham uma semelhança entre si e tentar trabalhá-las de uma forma sequencial, tendo seus objetivos bem definidos pelo professor e claros para o aluno. Cabe ao professor de educação física buscar métodos para que isso aconteça. Como se refere González

(2006) quando defende a ideia de que é necessário estabelecer critérios que possibilitem tal diversificação sobre o que pode ser estudado nos anos finais do ensino fundamental. Um destes critérios poderia ser o da lógica interna dos esportes.

Este estudo se justifica pelo meu interesse pessoal como pesquisador, pois desde quando estava na escola, nunca entendi qual a lógica usada pelos meus professores para o trabalho do esporte, tendo em vista que passei todo meu período escolar vendo um número restrito de modalidades esportivas nas aulas de educação física. De um modo geral se tratava dos esportes coletivos mais “clássicos” nas escolas, ou seja, futsal, voleibol, basquetebol e handebol. Outro fator se da pela relevância de se saber como os professores justificam a escolha dos esportes que abordam em suas aulas. O esporte é um conteúdo muito rico para se trabalhar nas escolas, podendo ser abordado de uma maneira mais proveitosa e diversificada pelos professores. Para tanto, a pesquisa consistirá em entrevistas com os professores de educação física, de 6º a 9º ano, das três escolas que servem como campo de estágio para a disciplina de Estágio de Docência em Ensino Fundamental, que se caracteriza por ser de caráter obrigatório para o curso de Licenciatura. As escolas foram escolhidas por serem as que compõem o campo de estágio do curso Licenciatura da Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pois além do acesso ser facilitado, isso devido ao fato de as escolas já possuírem um vínculo com a referida universidade, a ESEF é uma das escolas mais antigas do estado na formação de professores, e uma das únicas do estado com Programa de Pós-Graduação (mestrado e doutorado) que contempla uma linha de pesquisa voltada à Formação de Professores e Prática Pedagógica. O objetivo geral do estudo é identificar quais os critérios que os professores de educação física utilizam para a escolha dos esportes a serem desenvolvidos em suas aulas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. De modo mais específico, a pesquisa tem por objetivos:

- Verificar se os professores dão preferência àqueles esportes que lhes são mais familiares, ou seja, aqueles que têm maior domínio;
- Identificar se há a articulação da disciplina com o projeto pedagógico da escola para a elaboração do plano de estudos e se os esportes são desenvolvidos através de um plano de trabalho bem estruturado;

- Identificar se os Referenciais Curriculares do RS da disciplina estão sendo levados em consideração para a organização de suas aulas.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. A escola e o esporte

A educação física escolar, como matéria de ensino, teve suas origens na Europa no final do século XVIII e início do século XIX, através da criação dos chamados “Sistemas Nacionais de Ensino” (SOARES, 1996, p. 8), sendo batizada de Ginástica. No século XIX e início do século XX sofreu uma forte influência dos métodos ginásticos europeus. A ginástica compreendia em suma exercícios militares. A educação física caracterizava-se também pela influência médica, com ideais higienistas. Viam nas práticas corporais como a ginástica uma “possibilidade concreta de saneamento do meio” (SOARES, 2003, p. 129). Na última década do século XIX surge outro termo para substituir a Ginástica, no qual utilizamos até hoje, que é Educação Física.

Até as primeiras décadas do século XX não havia a figura do professor de educação física nas escolas, mas sim de instrutores físicos do exército.

Destaca-se que, até essa época, os profissionais de Educação Física que atuavam nas escolas eram os instrutores formados pelas instituições militares. Somente em 1939 foi criada a primeira escola civil de formação de professores de Educação Física (Brasil, Decreto-lei nº 1212, de 17 de abril de 1939) (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 53).

Na década de 1940 há a “hegemonização do esporte no conteúdo de ensino” (SOARES, 1996, p. 8). Caracterizava-se por ter o esporte como conteúdo quase que predominante nas aulas, e por ser abordado como treinamento esportivo, esta época ficou conhecida como “celeiro de atletas” (SOUSA; VAGO, 1997, p. 122). Estes ideais por mais que já estejam ultrapassados ainda interferem nas aulas de educação física. Há escolas que ainda preferem abordar o esporte voltado para essa temática.

Esta abordagem voltada para o treinamento esportivo foi contestada em um estudo realizado em uma escola de Florianópolis SC. Onde os alunos têm a possibilidade de optar fazer as aulas educação física ou não, como podemos perceber no trecho:

Trata-se de uma grande instituição pública com departamento exclusivo para o trato do Esporte Escolar e com um clube associado

que leva o nome da instituição. A prática desse programa substitui a obrigatoriedade da Educação Física (TORRI; ALBINO; VAZ, 2007, p. 501).

Fica bem claro que a instituição não tem uma preocupação com um plano pedagógico em educação física, pois muitos alunos são liberados das aulas por fazerem parte da equipe que representa a escola nas competições federativas oficiais. Ficando restritos a apenas uma modalidade, no caso desta instituição, o futsal, onde o mesmo é abordado unicamente pelo caráter do rendimento e da performance. Não seria errado a escola promover o aprendizado de determinadas modalidades esportivas que levassem o nome da instituição, desde que fossem no horário inverso ao de aula, e não liberando os alunos da prática das aulas de educação física. Pois a ideia de liberar os alunos acaba por desvalorizar ainda mais a educação física como disciplina.

O fato de fazer críticas ao esporte na escola não significa que se pretende excluí-lo de tal instituição, ou então lhe atribuir menor importância dentro das aulas. Essa crítica se dá a como ele se apresenta historicamente “(...) significa buscar colaborar para que esse esporte assuma outras características, mais adequadas a uma outra concepção de homem e sociedade” (BRACHT, 2009, p. 15). Nesse sentido não se deve deixar de ensinar as técnicas dos esportes, mas sim, utilizá-las para atingir determinados objetivos.

Para Stigger (2001) o esporte é o conteúdo dominante das aulas de educação física nas escolas. Coloca-se a favor da transformação do esporte no contexto escolar, ou seja, havendo uma adequação aos objetivos da escola. Não concorda com a ideia de que na escola os esportes sejam tratados como uma mera reprodução do esporte rendimento, pois para o autor, deve ser mais que isso, “(...) escola é um lugar privilegiado para a transmissão de conhecimentos e hábitos historicamente construídos pelos seres humanos, assim como, para a formação de cidadãos críticos, criativos e participativos” (STIGGER, 2001, p.77,78).

Seguindo nesta mesma linha, no que se refere aos esportes coletivos há de se levar em consideração diversos valores, não apenas as habilidades motoras. Isso não significa dizer que os valores éticos são mais importantes que o desenvolvimento das habilidades motoras, os dois devem atuar em conjunto, conseguindo dessa forma melhores resultados. Autores como Betti e Zuliani (2002) reforçam este pensamento:

(...) não basta aprender as habilidades motoras e desenvolver capacidades físicas, aprendizagem esta necessária, mas não suficiente. Se o aluno aprende os fundamentos técnicos e táticos de um esporte coletivo, precisa também aprender a organizar-se socialmente pra praticá-lo, precisa compreender as regras como um elemento que torna o jogo possível (portanto é preciso também que aprenda a interpretar e aplicar as regras a si próprio), aprender a respeitar o adversário como um companheiro e não como um inimigo, pois sem ele não há competição esportiva (p. 75).

Resende et all (1997) traz uma proposta para se trabalhar o esporte na escola. Para o autor é importante que se trabalhem elementos do esporte institucionalizado como, por exemplo: a origem e a história do esporte, os objetivos das modalidades esportivas, a nomenclatura específica do esporte, o espaço físico formal onde se desenvolve o esporte em questão, suas regras e os materiais que se utiliza para a sua prática. Também é ressaltada a importância do desenvolvimento do ensino das modalidades esportivas, começando pela execução de movimentos básicos característicos da modalidade trabalhada, primeiramente com sentido lúdico, posteriormente a compreensão, entendimento e reprodução destes movimentos por parte dos alunos, passa-se a aplicação de fundamentos especializados na prática da modalidade em que se está trabalhando, no sentido técnico do esporte. Importante de se trabalhar também as técnicas e possibilidades táticas, como ataque e defesa, desta vez no sentido especializado do esporte. O autor também resalta alguns esportes a serem trabalhados pelo docente, são eles: atletismo, basquetebol, futsal, handebol, voleibol, entre outros.

Há autores que não concordam com a ideia de que o esporte para ser abordado como conteúdo escolar tenha que sofrer reformulações. Isso fica claro no texto de Gaya (2009) ao salientar “não concordo com a ideia de que para ensinar o esporte na escola tenhamos que minimizar suas categorias centrais como o rendimento e a competição” (p.66).

Seguindo nessa mesma linha de pensamento, o esporte escolar requer procedimento diferenciado do esporte de alto rendimento (GAYA et TORRES, 2004).

No âmbito da didática do esporte para crianças e jovens, se fazem necessárias simplificações técnicas e táticas, de regulamento e de espaço, de número de participantes; porém continuam presentes as categorias de rendimento (rendimento próprio), regulamentação (de

reduzida complexidade) e a competição (GAYA et TORRES, 2004, p. 65).

Percebe-se que os autores concordam que devam ser feitas algumas simplificações para melhor entendimento e fluidez do esporte, desde que não se perca as categorias de rendimento, competição e regulamentação para tal. Consequentemente, através da prática dessas modalidades são trabalhados os pactos formativos, como a cooperação, o cumprimento das regras que foram acordadas, o respeito ao adversário, e um ponto que considero muito importante, que é o reconhecimento das limitações (próprias e dos outros), além da possibilidade de superação das suas limitações (GAYA et TORRES, 2004).

Graça (2004) argumenta que o esporte não é por definição pedagógico, ele é abordado desta forma na medida em que entra no currículo escolar. A partir da abordagem pedagógica, visando à educação, devem-se selecionar os esportes que deverão ser abordados na educação física escolar. Segundo Graça (2004) não se deve ignorar o aspecto competitivo do esporte em benefício do caráter cooperativo e recreativo.

O esporte não pode ser ignorado pela escola, sua prática é de suma importância para os alunos. No entanto o esporte como conteúdo escolar não pode simplesmente ser uma mera repetição da questão técnica e motora.

(...) o esporte e os outros elementos da cultura corporal devem ser duplamente aprendidos: por um lado pela mediação reflexiva sobre os temas relacionados ao corpo e à corporeidade; por outro pelas dimensões técnica e mimética, pela aproximação estética entre sujeito e objeto (VAZ, 2009, p. 150).

2.2. O professor e o esporte

Apesar de os PCN terem completado 12 anos, não é difícil encontrar professores que não conseguiram se ajustar às demandas do ensino do esporte preconizada pela literatura contemporânea, principalmente aquela proveniente do movimento renovador da educação física e do próprio PCN. Segundo Almeida e Fensterseifer (2006), percebe-se que há professores que não estruturam as suas aulas a partir da reflexão sobre o que os alunos devem aprender, restringindo as aulas ao mero “ativismo” (p. 1), que são atividades com um fim em si mesmas, onde

não se usa da reflexão, determinadas por uma rotina, acabando assim por não desenvolver outras questões importantes. “Falta aos professores adquirir uma nova didática de ensinar o esporte, abordando a teoria (cognitiva, social e cultural) juntamente com a prática” (BETTI, 1999, p.27). Há de se pensar estratégias para se trabalhar o esporte como um todo, claro que é correto trabalhar os fundamentos técnicos dos alunos, mas não se pode deixar em segundo plano outros aspectos como, por exemplo, os citados pela autora, que são os cognitivos, sociais e culturais. Outra questão importante é o fato da necessidade de se trabalhar novas modalidades esportivas, juntamente com diferentes tipos de atividades rítmicas, expressiva, jogos, ginástica, como já citado anteriormente como incumbência da educação física escolar.

Essa falta de diversidade de conteúdos por parte dos professores está explicitada no trecho do artigo de BETTI (1999, p. 28):

Geralmente o ano é dividido em “bimestres letivos”. No 1º bimestre é oferecido o futebol no 2º do handebol, no 3º o basquetebol e no 4º bimestre o voleibol. Se esta programação é cumprida, pelo menos consegue-se mostrar aos alunos quatro modalidades. O problema é quando ela é repetida para todos os alunos independentemente da faixa etária e quando ela se repete ano após ano, sem alterações.

A questão da falta de diversificação de conteúdos é um dos grandes problemas da educação física escolar. Há escolas em que a situação é pior, no exemplo anterior, pelo menos os alunos tinham a oportunidade de explorar e desenvolver quatro modalidades esportivas. No entanto algumas escolas nem sequer fazem isso, os alunos vêem uma única modalidade esportiva durante todo o ano letivo.

Um ponto importante de se levar em consideração, que responde, em parte, a questão da pouca diversidade nas aulas de educação física deve-se ao fato de o professor sentir-se confiante para ensinar apenas as modalidades que ele domina. Segundo BETTI (1999, p. 28):

Acredito que é impossível que todos os professores sejam capazes de dominar bem, a ponto de demonstrar os vários fundamentos esportivos, danças, etc. Isto, entretanto, não impossibilita o professor de ensinar. Desde que seja capaz de se interessar por ensinar algo que não domine, existem outras maneiras de se ensinar.

O pensamento de ter que dominar os gestos motores da modalidade com perfeição para ensiná-la como conteúdo não pode ser limitante para o professor optar por ensiná-la ou não. Isso limitaria muito a diversidade das aulas, acabando os alunos por saírem prejudicados. O professor de educação física não tem a obrigação de dominar todos os esportes, estilos de dança, atividades expressivas, jogos, até porque isso seria impossível. O professor precisa entender que a demonstração não é a única forma de ensinar, claro que se puder demonstrar, mesmo que não dominando totalmente o gesto é mais uma forma de ajudar no aprendizado. Porém o professor que não consegue demonstrar determinado gesto não é incapaz de ensiná-lo, pois ele pode valer-se de outros meios, tais como explicação verbal, imagens, vídeos. Também é importante estimular o aluno a pensar no gesto motor e não apenas reproduzi-lo.

Fica claro que os problemas supracitados com relação aos conteúdos a serem trabalhados na educação física, por consequência o esporte, é um tema que, sem dúvida, precisa ser questionado. Isso se reforça na citação de Kunz (2000):

A organização de “um programa mínimo” para a Educação Física deverá, pelo menos, conseguir pôr fim a nossa “bagunça interna” como disciplina/atividade escolar, ou seja, o fato de não termos um programa de conteúdos numa hierarquia de complexidade, nem objetivos claramente definidos para cada série de ensino. O professor decide, de acordo com alguns fatores (entre eles seu bom ou mau humor), o que ensinar. Por exemplo, ele pode optar por conteúdos exatamente iguais para a quinta série do primeiro grau e a segunda série do segundo grau, se quiser (e muitas vezes acontece). Da mesma forma, o grau de complexidade no ensino pode ser exatamente igual, para os dois momentos. O que não acontece, por exemplo, numa aula de matemática. Também não acontece numa aula de matemática, geografia ou português, que o aluno chegue ao professor e pergunte: “O que é que vamos ter hoje, professor?”, como acontece, constantemente, numa aula de Educação Física (p. 150, 151).

Esta citação deixa claro a ausência, ou falta de utilização de um planejamento da disciplina, de um plano de estudos com os conteúdos a serem abordados. Podendo os alunos passar toda sua formação escolar tendo acesso às mesmas modalidades esportivas.

Soares (1996) também se posiciona frente a essa questão da falta de objetivos definidos para cada série de ensino, como podemos perceber abaixo:

O aluno que escolhe Vôlei e passa sete anos na escola jogando Vôlei. Ou então o professor escolhe Handebol e o aluno passa anos jogando Handebol. Imaginemos o professor de Língua Portuguesa, por exemplo, escolher análise sintática e trabalhar somente com análise, ou o aluno escolher redação. Se estamos na escola, devemos dar um tratamento escolar ao conteúdo e, sobretudo dar lugar a abrangência que ele possa ter. (p. 11).

Isso mostra que realmente não se segue um planejamento mínimo, pois se um aluno passar anos praticando a mesma modalidade esportiva nas aulas de educação física é visto como uma coisa normal, porém o mesmo seria inaceitável com outras matérias do currículo escolar.

Os professores de educação física não têm um suporte teórico para sustentar sua prática pedagógica, Algumas escolas têm como principais conteúdos o futebol e o voleibol, em alguns lugares são desenvolvidos de forma recreativa e em outras influenciados pelo alto rendimento. Nestes casos pode-se perceber que as modalidades são selecionadas pela popularidade, ou seja, aqueles esportes que os alunos conhecem mais, que já fazem parte da sua cultura, geralmente um número bastante restrito. Não levando em consideração a questão que deveria ser mais importante, que é a relevância deste esporte para a ampliação da cultura corporal de movimento (NEUENFELDT; CANFIELD, 2001).

Em estudo realizado em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre Sanchotene (2009) constatou que a escola em questão “não tem um projeto político-pedagógico definido, possibilitando, desta maneira, que os professores ministrem suas aulas de acordo com o seu planejamento e com suas crenças” (p. 160). A autora teve resultados semelhantes ao estudo realizado por Pereira (2009) que também teve como objeto de estudo professores de uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre. Onde concluem que a práticas dos professores podem ser compreendidas através de suas vivências anteriores, “saberes relativos à sua formação” (SANCHOTENE, 2009, p. 165), “modelo de prática que os professores colaboradores estavam habituados a fazer (na escola) ou foram ensinados (na graduação)” (PEREIRA, 2009, p. 117). Estes achados compactuam com os de Molina Neto (1997/2) onde entende que:

A experiência do professorado de Educação Física nas escolas públicas se desenvolve sob a influência da cultura escolar, já que ela está fortemente marcada pelas práticas esportivas que o professor teve durante seu ensino de 1º e 2º graus (p. 37).

Molina Neto em outro estudo (1998/2) sustenta a posição de que o professorado de educação física elabora suas atividades com base na sua experiência, no material disponível, bem como as organizam como acha melhor, devido à liberdade relativa da escola pública, isso também pode ser observado na rede de ensino estadual.

(...) a prática do professorado de educação física nas escolas públicas de Porto Alegre fica influenciada por: a) as condições materiais objetivas de cada escola; b) as preferências de trabalho pessoais do professorado; c) o amplo espaço de liberdade relativa que se dispõe nas escolas (...) Quero dizer que, além do conteúdo, toda a participação do professorado de educação física está condicionada por suas preferências e idiossincrasias pessoais construídas ao longo de sua aprendizagem em ação e atividades de formação. Ou seja, cada professor FAZ O QUE PODE dentro das condições materiais objetivas que dispõe, e FAZ O QUE QUER dentro da ampla faixa de liberdade relativa obtida na escola pública (p. 38).

No que se refere à questão da infra-estrutura, Molina Neto (1996) em um estudo realizado em 1991 analisou a prática do esporte nas escolas de 1º e 2º graus de Porto Alegre, identificando os critérios para o planejamento e execução do esporte na escola. Constatou que nas escolas públicas os recursos físicos e materiais são um ponto determinante para optar por qual esporte trabalhar, tendo em vista que muitas escolas não têm materiais nem espaços necessários, “(...) muitas vezes o professor faz o que pode ser feito e não o que deveria ser feito (...)” (MOLINA NETO, 1996, p.72). Já nas escolas particulares evidenciou que a questão dos materiais e espaço físico não é fator determinante, devido ao fato de que estas instituições quase sempre possuem ginásios, quadras, bem como material didático adequado e suficiente.

Freitas (2001) ao realizar seu estudo em escolas da rede pública de Gravataí - RS encontrou resultados semelhantes aos de Molina Neto (1996).

Durante o desenvolvimento das práticas pedagógicas em torno do esporte, as limitações são muitas. A mais comum é a falta de recursos materiais, que são profundamente escassos, e as limitadas quadras esportivas, um modelo arquitetônico comum a todas as escolas de ensino fundamental completo (p. 156).

O autor também salienta que “a disponibilidade de espaço construído para as aulas e os novos investimentos estão voltados para as quadras poliesportivas

(futsal, vôlei, basquete e handebol) principalmente” (FREITAS, 2001, p. 156, 157). Facilitando a prática destas modalidades e tornando cada vez mais raras tentativas de abordar outros esportes que não estes.

Em meio a tantas dificuldades, autores buscam alternativas para se desenvolver o esporte na escola de uma forma mais enriquecedora para os alunos. Entendem que a melhor maneira para que isso ocorra é o esporte sendo entendido como conteúdo.

Isso significa que ele não é tratado nem como esporte de rendimento, nem como esporte/lazer, nem como esporte escolar, mas como esporte-conteúdo, fenômeno a ser reconstruído desde o lugar específico do projeto escolar (GONZÁLEZ, 2006, p. 82).

O autor defende a ideia de que todos os tipos de esporte devem ser convertidos em conteúdo escolar. Para isso usa-se de uma lógica interna para a classificação dos esportes (GONZÁLEZ, 2004, 2006; RIBAS, 2005). No seu estudo de 2006 González aborda alguns exemplos no que tange a lógica interna. Esportes em que não há a interação do adversário: esportes de marca, esportes estéticos-combinatórios e esportes de precisão. Esportes em que há a interação com o adversário, que englobam esportes de combate ou luta, esportes de campo e taco, esportes de rede ou quadra dividida e muro e por fim esportes de invasão. São privilegiados os esportes de invasão em detrimento dos outros tipos de esportes, isso se deve pelo fato desse tipo de esporte fazer parte da forma mais ampla da cultura corporal de movimento, pois um maior conhecimento sobre eles possibilita uma aprendizagem maior por parte dos alunos. Ribas (2005) acrescenta que ao passo que o aluno compreender a lógica interna

(...) poderá opinar sobre uma determinada modalidade ou até envolver-se em uma análise mais ampla, incluindo a lógica externa, que abrange problemas de violência no esporte, mídia, política e interesses que rodeiam esse espetacular mundo (2005, p. 115).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. Problema

- De que modo os professores de educação física justificam a escolha dos esportes a serem trabalhados em suas aulas nos anos finais do ensino fundamental?

3.2. Questões de pesquisa

- Como os professores organizam as aulas cujo conteúdo principal é o esporte?
- Quais tipos de esportes os professores julgam necessários serem abordados nas aulas de educação física?
- Qual a importância de se trabalhar uma maior diversidade de esportes nos anos finais do ensino fundamental?
- Que estratégias o professor de educação física pode valer-se para trabalhar de uma melhor forma a diversidade dos esportes em suas aulas?

3.3. Sujeitos

Os sujeitos que fizeram parte deste trabalho foram todos professores da disciplina de Educação Física das três escolas da rede estadual de ensino de Porto Alegre que funcionam como campo de estágio docente em ensino fundamental para os alunos do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Participaram do estudo apenas os professores que trabalhavam entre o 6º e o 9º ano do ensino fundamental. Segundo a Lei nº 11.274 de 2006:

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão.

A Lei nº 11.274 de 2006 altera alguns artigos da LDB nº 9.394 de 1996, onde o ensino fundamental passa a ter ingresso obrigatório aos seis anos, passando a ter duração de nove anos e não mais oito, sendo dividido em anos e não mais séries.

Ou seja, 6º ao 9º ano equivale às antigas 5ª a 8ª série. Porém como as escolas que participaram do estudo ainda estão em transição quanto à nomenclatura utilizada, os professores entrevistados tinham de ministrar aulas de 5ª a 8ª série para poder fazer parte do estudo.

A escolha por focar em entrevistas com professores que trabalham com os anos finais do ensino fundamental – 6º a 9º ano (5ª a 8ª série) - se deu pelo fato de que nestes anos há um maior número de alunos participantes na disciplina de educação física. Pois em alguns casos nos anos iniciais do ensino fundamental não há a figura do professor de educação física e sim do professor unidocente, já no ensino médio o número de alunos que se beneficiam da lei que torna a presença nas aulas de educação física facultativa é maior do que no ensino fundamental.

A amostragem foi do tipo não probabilística intencional. Segundo Barros e Lehfeld na amostra intencional “o pesquisador se dirige intencionalmente portanto a grupos de elementos dos quais deseja saber a opinião” (1990, p. 42).

Das três escolas selecionadas para a realização do estudo, oito era o número de professores que se enquadravam nos requisitos necessários para a participação nas entrevistas. Na escola “A” havia três professores que contemplavam as exigências, porém um não participou do estudo, na escola “B” havia dois professores, sendo que os dois contribuíram com as entrevistas. Na escola “C” havia três professores, porém um professor estava em seu primeiro dia na escola, por este motivo a vice-diretora achou melhor este não participar do estudo, os outros dois professores contribuíram sem maiores problemas.

3.4. Pressupostos éticos

Foi entregue a direção das escolas um documento solicitando a autorização das mesmas para a realização das entrevistas. Munido destas autorizações os professores foram contatados e assinaram um termo de consentimento aceitando participar do estudo, bem como que fossem gravadas suas entrevistas. Os nomes das instituições e dos professores que participaram do estudo foram mantidos em sigilo respeitando as questões éticas.

3.5. Instrumentos de coleta de dados

O instrumento utilizado para a coleta dos dados foi à entrevista, que para Gressler (2004) consiste de:

(...) uma conversação envolvendo duas ou mais pessoas com o propósito de se obter informações para uma investigação. Contudo não é somente uma simples conversa, mas sim, uma conversa orientada para um objetivo definido (p. 164).

Lakatos (2009) ainda ressalta outro fator importante com relação à utilização da entrevista como instrumento de coleta de dados.

Há maior flexibilidade e oportunidade para avaliar atitudes e comportamentos, podendo o entrevistado ser mais bem observado. Possibilita também a coleta de dados importantes que não se encontram em fontes documentais (p. 280)

Os professores as realizaram nas próprias escolas, em diversos locais, na sala dos professores, na sala da coordenadora pedagógica, na sala da educação física e até mesmo no pátio da escola. Sabe-se que o local onde ocorre a entrevista pode interferir nos resultados, pois o entrevistado precisa estar à vontade para responder aos questionamentos. “O ambiente de uma entrevista afeta o conteúdo, sendo geralmente preferível entrevistar as pessoas em suas próprias casas” (BRITTEN, 2009, p. 30), no entanto devido à dificuldade encontrada para a realização das entrevistas em um local neutro fez com que fossem realizadas nos contextos descritos.

Todas as informações oferecidas pelo entrevistado foram consideradas como importantes, sendo gravadas com a utilização de um gravador digital. Posteriormente foram transcritas para que fosse feita a análise e discussão dos resultados.

No decorrer das entrevistas percebi que seria interessante e necessário analisar os documentos das escolas referentes à sua forma de trabalho, ou seja, seu Projeto Político Pedagógico (PPP), bem como os documentos referentes ao planejamento da disciplina de Educação Física, Plano de Estudo e Plano de Trabalho. Entendendo que isso ajudaria na interpretação dos resultados.

3.6. Tratamento dos dados

Compreendendo todas as questões a cerca do referido estudo, optei pela utilização da pesquisa qualitativa. Ciente de que esta seria a melhor forma para responder os questionamentos nos quais me propus. Thomas (2002) conceitua a pesquisa qualitativa como não possuindo hipóteses pré-concebidas, ou seja, “O raciocínio indutivo é enfatizado, segundo o qual o pesquisador procura desenvolver as hipóteses a partir de observações” (THOMAS, 2002, p. 334). Então parte do pesquisador ter sensibilidade e percepção ao coletar e analisar os dados.

A pesquisa qualitativa não privilegia nenhuma prática metodológica em relação à outra, ou seja, não possui uma teoria nitidamente própria. Não possuindo um “conjunto distinto de métodos ou práticas que seja inteiramente seu” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 20).

Os pesquisadores qualitativos utilizam a análise semiótica, a análise da narrativa, do conteúdo, do discurso, de arquivos e a fenêmica e até mesmo as estatísticas, as tabelas, os gráficos e os números (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 20).

O estudo utilizou como procedimento metodológico a realização de entrevistas, que para Negrine (1999) “se constitui em estratégia utilizada para obter informações frente a frente com o entrevistado o que permite, ao entrevistador, o estabelecimento de um vínculo melhor com o indivíduo” (p. 73). Antes de cada entrevista eu explicava ao professor entrevistado no que consistia a entrevista, qual o seu propósito, como iria funcionar, bem como que seu nome e o da escola seriam mantidos em sigilo, sendo utilizado para identificação de sua fala um nome fictício. Após os esclarecimentos necessários o entrevistado assinava um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 1) concordando com a gravação de sua entrevista.

As entrevistas seguiram um roteiro semi-estruturado (anexo 2), que para Negrine (1999) se utiliza:

(...) quando o instrumento de coleta está pensado para obter informações de questões concretas, previamente definidas pelo pesquisador, e, ao mesmo tempo, permite que se realize explorações não-previstas, oferecendo liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensar (p. 74).

O entrevistado ficava livre para suas respostas, onde eu fazia algum questionamento ou acrescentava alguma pergunta na medida em que achava necessário.

(...) são conduzidas com base em uma estrutura flexível, constituindo em questões abertas que definem a área a ser explorada, pelo menos inicialmente, e a partir da qual o entrevistador ou a pessoa entrevistada podem divergir a fim de prosseguir com a ideia ou resposta em maiores detalhes (BRITTEN, 2009, p. 24).

Nesse estudo as entrevistas (semi-estruturadas) contemplaram questões sobre de que modo os professores de educação física vêem sua formação acadêmica, por que se interessaram pelo curso de educação física, se era por serem praticantes de algum esporte ou não, como entendem sua prática pedagógica e se acreditam que trabalham de uma forma abrangente o conteúdo esporte em suas aulas.

O método que foi utilizado para a análise das entrevistas foi a narrativa, esse método deve ser utilizado quando as entrevistas tradicionais não conseguem mais obter experiências subjetivas do entrevistado. As narrativas “permitem ao pesquisador abordar o mundo empírico até então estruturado do entrevistado, de um modo abrangente” (FLICK, 2009, p. 164).

É importante que a entrevista narrativa comece com uma pergunta que gere uma narrativa, que faça o entrevistado refletir sobre o tema em questão, mas que ao mesmo tempo seja clara e específica.

Se a intenção for fazer surgir uma narrativa que seja relevante para a questão de pesquisa, deve-se formular a pergunta gerativa de narrativa com clareza, mas que seja, ao mesmo tempo, específica o suficiente para que o domínio experimental interessante seja adotado como tema central (FLICK, 2009, p. 165).

Após a realização e simultaneamente a gravação das entrevistas, as mesmas foram ouvidas e transcritas. Em um segundo momento, munido das transcrições das entrevistas, retornei a escola afim de que os entrevistados tomassem conhecimento do material, podendo assim acrescentar alguma informação caso considerassem importante, bem como que assinassem o material o legitimando.

Foi feito um levantamento de informações sobre cada escola, região onde se localiza, número de alunos da escola, número de turmas por série, número de professores de educação física. Bem como os espaços disponíveis para a prática da educação física, com o objetivo de que estas informações contribuíssem no momento de analisar as entrevistas.

Ao analisar as entrevistas, primeiramente foi feita uma análise formal do texto, eliminando os trechos não narrativos. Em seguida se fez uma espécie de “molde biográfico” (FLICK, 2009, p. 308), a fim de construir uma seqüência histórica da narrativa. Ao analisar as respostas dos professores pude dividi-las em agrupamentos de significados, os quais foram articulados com os documentos analisados bem como com a literatura pesquisada. Desta forma pude tirar algumas conclusões acerca do tema em questão.

4. CONHECENDO AS ESCOLAS E SEUS ESPAÇOS

As três escolas participantes do estudo caracterizam-se por serem pertencentes à rede de ensino estadual do município de Porto Alegre. Uma delas atende ensino infantil, fundamental e médio, outra ensino fundamental e médio e uma atendendo ensino infantil e fundamental. As três escolas caracterizam-se por atender uma população de classe média baixa, segundo consta no PPP de ambas as escolas. Todos os dados que serão utilizados para a quantificação das escolas quanto a número de alunos e turmas, são referentes ao período letivo de 03/2010 a 12/2010 e estão disponíveis no *site* de Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul.

A escola “A” fica localizada na zona leste, atende alunos do ensino fundamental e médio nos turnos da manhã, tarde e noite. Tem um total de 1494 alunos matriculados divididos em 56 turmas. Com relação ao público alvo do trabalho, são três professores disponíveis para atender 566 alunos divididos em 19 turmas de 5^a a 8^a série, nos turnos da manhã e tarde.

Possui um amplo espaço para a prática da educação física, possuindo três quadras poliesportivas, duas delas com estrutura para cestas de basquete, porém estas não mais estão instaladas, ou por sucateamento ou por vandalismo. Tem um pátio amplo, alguns setores com calçamento outros de terra ou grama, que pode ser utilizado para diversas atividades. Não possui um ginásio coberto, assim nos dias de chuva as atividades são teóricas ou práticas adaptadas ao local, utilizando a sala de aula, ou um pequeno saguão disponível. Também conta com biblioteca, material áudio visual e um laboratório de informática disponível para os alunos, desde que seja agendado o horário para sua utilização.

A escola “B”, localizada na zona central, tem disponíveis para a sociedade desde o ensino infantil até o médio, sendo estes divididos nos turnos da manhã, tarde e noite. Tem um total de 1225 alunos matriculados divididos em 46 turmas. Com relação ao público que se destina o estudo são dois professores disponíveis para atender 286 alunos divididos em 11 turmas de 5^a a 8^a série, o ensino fundamental funciona no turno da tarde.

Os espaços disponíveis para a educação física nesta escola não são tão grandes quanto na anterior, porém existem. A escola conta com uma quadra poliesportiva, uma “quadrinha” com duas goleiras onde geralmente os alunos jogam

futebol, um pátio todo pavimentado, onde geralmente se pratica o vôlei, pois há dois prédios da escola próximos onde a rede é fixada. Também possui um ginásio, que aparece em destaque no *site* da escola, inclusive com foto, no entanto a realidade é diferente, atualmente está interditado devido a problemas estruturais referentes ao telhado. O projeto é que se faça um novo ginásio, porém até isso ocorrer o atual funciona como depósito para cadeiras, mesas e armários. Em dias de chuva os professores fazem uso da sala de aula, e de um pequeno saguão. Há disponíveis também a biblioteca, o laboratório de informática e uma sala munida de material áudio visual.

A escola “C”, localizada na zona norte, atende um público bem inferior em comparação a escola “A” e “B”, não possui ensino médio, atende apenas o ensino infantil e fundamental nos turnos da manhã e tarde. Tem um total de 683 alunos matriculados divididos em 26 turmas. Com relação ao público do estudo são três professores disponíveis para atender 319 alunos divididos em 11 turmas de 5ª a 8ª série, nos turnos da manhã e tarde.

Para a realização das aulas de educação física os professores utilizam o pátio da escola, este é pequeno e todo pavimentado com lajotas. Neste espaço há um local adaptado para a prática do vôlei e um para o basquete, porém, atualmente, possui apenas uma cesta, neste espaço também jogam futsal com a utilização de pequenas goleiras móveis. A escola possui um pequeno ginásio, onde possui goleira e local para fixação da rede do vôlei. Desta forma os professores não tem maiores problemas com aulas em dias de chuva. Também possui laboratório de informática, material áudio visual e biblioteca disponíveis para os alunos.

5. DISCUSSÃO

A utilização da entrevista como procedimento metodológico foi algo totalmente novo para mim. Pude perceber o quanto é complexo este processo de coleta e posterior análise de resultados. Bem como que não é simples contatar as instituições, no estudo em questão as escolas, e marcar as entrevistas. Percebi certa desorganização e/ou falta de comunicação interna entre os setores de algumas escolas, pois houve um caso em que agendei minha visita com a escola, porém quando cheguei no dia marcado para a realização das entrevistas, os professores não haviam recebido a notícia da minha presença. No entanto, um fator positivo foi que os sujeitos entrevistados se apresentaram muito receptivos a realização do estudo.

Como foi minha primeira experiência em pesquisa com esta metodologia, tive certas dificuldades, que talvez não assolem pesquisadores mais experientes. Como, por exemplo, no manuseio do gravador digital, se ele realmente estava captando a entrevista e a maneira como deveria me portar diante das respostas dos colaboradores. Este último ponto foi bastante complicado, pois eu tinha que me mostrar imparcial nas respostas, para que, mesmo que inconscientemente, não induzisse o colaborador da pesquisa a falar o que eu gostaria de ouvir. Bem como havia a necessidade de demonstrar, mesmo que com expressões faciais, interesse e compreensão com o que o entrevistado estava querendo transmitir. Porém quando percebia que o sujeito estava perdendo o foco do objetivo central do estudo, ou que ele teria condições fornecer mais informações sobre o assunto, eu acrescentava algum questionamento. Também, sempre que necessário, eu explicava alguma questão, para o melhor entendimento dela por parte do professor.

Além da minha falta de experiência, outro fator que prejudicou, de certa forma, os resultados das entrevistas, foram os locais onde as mesmas foram realizadas. Na escola A as duas entrevistas foram realizadas na sala de Educação Física, porém não tínhamos privacidade alguma, a sala ficava aberta e mais de uma vez alunos entraram na sala abordando o professor, interrompendo a entrevista e de certa forma constrangendo o entrevistado. Houve a interferência dos alunos nas duas entrevistas. Na escola B uma entrevista foi realizada no pátio da escola, por sugestão do professor, no horário do recreio. Havia muito barulho e o professor também foi interrompido algumas vezes por parte dos alunos. Já o segundo

colaborador desta escola foi entrevistado na sala dos professores, pensei que este seria um ambiente mais calmo, porém os demais docentes que se encontravam no local não se sensibilizaram com a realização do estudo e continuaram conversando alto e, de certa forma, tirando a atenção do entrevistado. Na escola C os dois professores realizaram as entrevistas na sala da coordenação pedagógica, o que foi bom, pois não tivemos nenhuma interferência de aluno ou funcionário, porém a sala tinha uma janela voltada para o pátio da escola, e como as entrevistas foram feitas no horário do recreio, o barulho vindo do pátio atrapalhou um pouco na realização das entrevistas. Contudo, se estas situações por um lado atrapalharam na realização das entrevistas, por outro ajudou a retratar o cotidiano e o ambiente das escolas pesquisadas.

O processo de análise das entrevistas possibilitou organizar os dados em três categorias de análise: a) A escolha da educação física como profissão; b) a prática docente nas aulas de educação física; c) A articulação entre escola e professor para a elaboração das aulas de educação física. As quais serão apresentadas a seguir.

5.1. A escolha da educação física como profissão

Muitos são os fatores para se escolher uma profissão, no entanto pelos depoimentos dos colaboradores do estudo, a escolha da educação física está intimamente ligada a experiências vividas por parte dos professores quando alunos.

Em função de gostar de fazer Educação Física como aluna, em função de gostar do handebol e ter sido atleta, isso me motivou bastante a fazer a educação física. (Rita, escola A)

Sempre gostei muito de esportes, desde a minha infância né sempre pratiquei esportes, ahn mesmo fazendo outra faculdade anterior ahn gostava muito do, até tentei medicina né, e paralelo a isso, como eu sempre pratiquei ahn jogava vôlei, ahn sempre acompanhando esportes dentro da família né, alguns competiam e... pelo gosto mesmo... por prazer, então acabei optando pela educação física. (Adriana, escola A)

No ensino médio eu comecei a... jogar voleibol, e ai joguei voleibol numa escola particular, numa instituição particular que... dava ênfase, davam ênfase muito grande ao esporte, a questão do alto

rendimento da performance e peguei um professor também, de um empenho de uma dedicação enorme e desdai comecei a pegar gosto é nos participávamos a... todo momento de competições, nós viajávamos bastante, nós tínhamos equipes de uma qualidade muito boa e isso me motivou e principalmente a postura do meu professor, do meu professor de voleibol e do meu professor de basquetebol, né que eram referências pra gente. Então todo amor e toda paixão deles acabava nós absorvendo como alunos. A partir do ensino médio eu lá no terceiro ano decidi “pô vô fazer educação física” não saia ali dentro do ginásio né, às vezes chegava a treinar de manhã, de tarde e de noite, vivia muito essa questão da competição, gostava muito disso e através do esporte, através dessas competições fiz é... inúmeros, inúmeros amigos, conheci muitas pessoas, então decidi que a minha tava muito envolvida com o esporte, né ele fazia parte não só da questão do resultado, da modalidade, mas de uma questão também de ser humano, de pessoa é eu aprendi a se um pouco mais autônomo a ter mais liderança, a me livrar de algumas situações né, a resolver algumas situações, então a partir daí realmente eu peguei gosto e “pô vô fazer educação física” (Silvio, escola B)

Ah eu sempre fui do esporte, apesar de eu não curti muito as outras matérias também, mas eu sempre fui do ahn de jogar, de fazer academia, de...ahn tá no time da escola, eu joguei futebol também na escolinha do inter, então eu tava sempre nessa função, então não tinha como eu escolher outra coisa né, outra profissão (Eduarda, escola C)

Eu adorava né, eu sempre participava, era a matéria que eu mais me identificava, além de eu me identificar muito com matemática, não sabia o que eu ia ser, se eu ia ser engenheira ou se eu ia ser professora de educação física, mas aí eu... decidi fazer educação física, eu achei que ia ser legal, e fiz. (Bárbara, escola C)

Mostra-se nítido nos relatos dos professores que um dos grandes fatores para a escolha da educação física como profissão, além do gosto pela matéria quando alunos é a proximidade dos colaboradores com o esporte. Inclusive em alguns relatos os professores revelam que também praticavam o esporte de forma competitiva, seja representando a escola ou por outra entidade, como é o caso da professora Eduarda.

Quando questionados sobre as lembranças mais marcantes que tiveram no tempo em que eram alunos do ensino fundamental fica nítido que o esporte é sem dúvida o conteúdo predominante das aulas de educação física, além de ser o que mais prende a atenção dos alunos.

Uma experiência assim que me marcou muito foi o handebol, aonde eu me identifiquei né e fui atleta e isso eu gosto de passar pro meus alunos hoje em dia também (Rita, escola A)

Eu so duma... geração... que tinha..., que havia professores é... que vinham duma escola tecnicista, então professores de uma, de uma qualidade de um empenho, de uma dedicação incrível e de um conhecimento também fora de série, é professores que já vinham com um determinado perfil, é... na questão... da modalidade no qual é desenvolvia com a gente. Então eu tinha professores de voleibol, tinha professores de basquetebol, tinha professores de futsal, de futebol de campo, de atletismo, todos eles extremamente qualificados, não só com a questão teórica, mas com a questão prática também. Geralmente foram ex-atletas, tiveram uma vivência muito grande dentro da modalidade, e por isso era muito rica, as nossas aulas de educação física eram muito ricas nesse sentido, e a educação física também (...) na minha época ela era direcionada pra isso é trabalha com os esportes, trabalha com bastante qualidade. (Silvio, escola B)

Ah eu adorava, eu fazia tudo, eu era baliza da banda, sete de setembro a gente desfilava, era uma festa, a gente fazia festas das nações, então a gente fazia ahn danças temáticas né da das culturas né ahn... ah eu adorava tudo, eu lembro de quase tudo, danças folclóricas(...) Ah vôlei, nós jogava muito vôlei, a gente fazia campeonato com outras escolas, inter séries inter... que era muita gente né, inter... inter municipal... municipal, eu não sei porque... eu só jogava, só era atleta mesmo. (Bárbara, escola C)

(...) o que me marcava bastante é que eu sempre gostei de jogar futebol, então a gente fazia timizinho e sempre eram as gurias que dominavam assim sabe não muito os guris, os guris jogavam (...) ahn mais o vôlei e as gurias iam pro futebol. (Eduarda, escola C)

Estes depoimentos vão ao encontro dos estudos de González (2006, 2004), Stigger (2001), Betti (1999), Soares (1996), Kunz (2000) nos quais relata que o esporte é o conteúdo dominante nas aulas de educação física. A fala do professor Sílvio, relata que suas aulas eram com professores tecnicistas e para diferentes modalidades esportivas, além do fato de geralmente serem ex-atletas. Esses ideais compactuam com os estudos de Souza; Vago (1997), Soares (1996) onde salientam a hegemonização do esporte que se deu por volta dos anos 1940, mas que percebemos que em alguns lugares ainda perdura.

Outros relatos além de salientarem o esporte como as lembranças que mais recordam de suas aulas de educação física quando alunos do ensino fundamental relatam a maneira como seus professores se portavam diante da turma. Um

comportamento desinteressado com o aluno que não ficou no passado, sendo ainda perceptível atualmente.

Mais marcante que... antigamente no meu tempo só largavam uma bola e deixavam a gente fazer o que queria né, e eu digo “não o dia que eu for professora de Educação Física as minhas aulas não serão assim”. Que eu sempre gostei de esportes... educação física né como um todo, eu acho muito importante pra... desenvolvimento integral dos alunos né... da criança e do adolescente que ajuda muito também desde a pré-escola, da alfabetização sabe o quanto é importante o nosso trabalho ahn físico né, motor... ahn... pro bom desenvolvimento dos alunos. (...) eu gostaria assim né de ter aulas realmente ministradas né, com professor que gostassem, porque eu acho que os meus não gostavam né do que estavam fazendo. E eu sou professora porque gosto, por ideal porque eu já estou aposentada (...) e continuo trabalhando. (Marta, escola B)

(...) da parte assim que eu acredito que foi ruim a experiência foi aquela expectativa que a gente tem na educação física e chega determinado ponto ahn do professor ou da idade do professor em que a gente mais ou menos joga sozinho né. O professor larga lá bola e cada um vai pro que gosta e praticamente passa o ano inteiro assim. (...) gente tinha muito futebol e handebol quase não se trabalhava muito o vôlei, a não ser lá na 5ª série. (Rita, escola A)

(...) é que na minha época, vou ser bem sincera, os professores jogavam a bola assim, nem apareciam às vezes (Eduarda, escola C)

Fica evidente nas falas das professoras Marta, Rita e Eduarda que lembram que as aulas dos seus professores não eram planejadas, havendo de certa forma um descaso com o aluno e com a disciplina, onde podia-se escolher o que queria fazer, ou o professor simplesmente largava uma bola para os alunos, estas questões vão ao encontro dos estudos de Almeida e Fensterseifer (2006), Betti (1999), Kunz (2000).

5.2. A prática docente nas aulas de educação física

Aqui busco explicitar as principais preocupações e anseios dos professores com relação a sua prática pedagógica. O que consideram importante trabalhar em aula e de que maneira isto ocorre.

A fala do professor Sílvio deixa claro que sua principal preocupação em aula é com a índole dos seus alunos, e de proporcionar-lhes momentos de convivência em grupo.

(...) sinto hoje que os alunos também, principalmente dentro da escola pública, os alunos que nós estamos recebendo, nós temos alunos que possuem inúmeras carências, é são alunos as vezes que não... possuem uma alimentação correta, não possuem uma orientação boa (...) Eu tenho alunos que por incrível que pareça... vêm para escola é só pra aula de educação física, eu já tive dois ou três alunos que eles... que eu fiquei sabendo “Ô professor Sílvio eles só vem pra escola pra assisti tua aula de educação física e depois vão embora”, então eu vejo essa necessidade também de eles terem momentos de... felicidade, momentos de prazer, momentos de integração, momentos de amizade, de poder conversa um pouquinho mais com as pessoas, de conversar com os colegas e de conversar com o professor... então essas carências me fazem pensar e modificar algumas cozinhas, algumas situações na aula de educação física..., nós temos o diferencial do profissional de educação física e do professor de educação física que é a questão da afetividade, que é a questão da proximidade é... com o nosso aluno e eu tenho que fazer valer e eu tenho não que não aproveitar a situação, mas eu tenho que sabe utiliza ela como educador né... antes de ter um aluno de educação física eu tenho um ser humano(...) (Sílvio, escola B)

A professora Marta, em sua fala, deixa claro que prima por trabalhar a questão dos valores com seus alunos, e que o esporte pode ser utilizado para isso, pensamentos também encontrados nos estudos de Bracht (2009), Betti e Zuliani (2002), Stigger (2001).

Eu acho que educação física ser educação integral a gente tem que tenta um pouco de cada coisa (...) valores eu friso muito, ahn... todo aqueles ahn temas transversais que a gente sabe que tem que se trabalhado eu trabalho, porque eu acho que não é só o esporte, só ganhar, tem que vê muito assim oh... que eles estão ali não para competir e ser melhor dos melhores mas eles tem também que ajudar os que não são... os melhores né, e que todos são iguais, se eles estão ali estão para aprender, então quem tem mais habilidade, eu digo ninguém é bom, uns tem mais habilidade outros menos em certos desportos né, então quem não tem muita habilidade tem que ajudar os que não tem. Eu acho que é isso né, que a gente prima pela educação que se eles estão na escola pública e eles estão na condição de aluno todos são iguais, e a avaliação é uma avaliação assim que eu faço ela é continua ahn diária e somativa, porque eu acho assim que educação física é organização e disciplina (...) não é só jogar futebol como eles tem essa mentalidade né, que eu senti aqui nessa escola quando eu comecei. (Marta, escola B)

A professora Eduarda deixa claro que sempre procura trabalhar com seus alunos a questão da cooperação, muito em função de sua especialização ser nesta área e também por criar vínculos de amizade entre os alunos. Já a professora Bárbara salienta que busca desenvolver a questão da saúde e da conscientização ambiental em suas aulas.

Ah eu gosto por meu pós-graduação ser jogos cooperativos eu tento trabalhar sempre a cooperação, um ajudando o outro e não aquela.. aquela situação assim “ah ele que se dane ele que faça sozinho” não sempre tem aquela ajuda “ah ele errou” vai lá e ajuda ou tipo “ah ele ta quase caindo” vai lá e pega o colega sabe, sempre tem aquela amizade assim, então eu sempre trabalho a cooperação deles (Eduarda, escola C)

Ai eu gosto de trabalhar sobre... eu boto muito meio ambiente no meio das minhas aulas, então eu gosto de trabalhar a higiene, desperdício, eu boto na educação física, eu gosto de trabalhar essa parte né da conscientização... e tudo que, e tudo que se relaciona a educação física que tem have com saúde né, eu gosto de fala do meio ambiente eu gosto muito desse tipo de coisa (Bárbara, escola C)

5.2.1. O trabalho do esporte nas aulas de educação física

Com relação ao trabalho dos esportes nas aulas de educação física evidenciou-se que praticamente são os mesmos em todas as escolas. Percebe-se que as escolhas se dão em alguns casos pela preferência do professor, por já ter vivência nessa área, essa evidência também foi encontrada nos estudos de Sanchotene (2009), Pereira (2009), Molina Neto (1998/2, 1997/2).

Tem... uma modalidade que eu gosto muito e ai vem (...) do meu currículo que é o voleibol né, eu fui atleta de voleibol, eu fui treinador de voleibol, gosto muito de voleibol, tento trabalhar com eles também (...) (Sílvia, escola B)

Eu tento ahn... antes mesmo da prática fazer comentários né... bate-papo, (...) temas atuais né, até mesmo ahn comentando, por exemplo, comentando de futsal que eu sou apaixonada ahn indo pra área né de conhecimento deles e dali já tentando vê alguma regra ahn algum conhecimento da quadra, pra depois chegar na prática né em si. Basicamente isso, depois né conforme o andamento das aulas a gente vai aumentando os fundamentos. (Adriana, Escola A)

(...) vôlei é o que eu mais gosto de dar.(...) Ah eu gosto de... de trabalha também com... pré-desportivos que se chama né? Com jogos pré-desportivos eu gosto, eu faço de tudo, tudo que eu sei né, que eu pesquiso. (Bárbara, escola C)

Estas vivências nos esportes não se restringem só ao tempo de escola dos professores, mas também quando era alunos de graduação, percebemos isso nos relatos a seguir

Olha a gente trabalhava bastante conforme os interesses da turma, me lembro, a nossa turma, ela era bem radical (...) Às vezes o professor queria criar umas ideias revolucionárias e a gente acabava indo sempre pro básico né... e... só que eu aprendi mais em relação a regras depois, depois que eu sai da faculdade, lá era mais recreativos, a gente fazia muito grupos recreativos, um pouco de cada esporte né, então inclusive o atletismo, as ginásticas né, ahn (...) a gente pego bastante a área de esportes coletivos, tudo em grupos, futsal, vôlei, handebol (eu era do time de handebol). Então acabava ficando mais nesse esporte coletivo mesmo. (Adriana, escola A)

(...) quando era aluno de graduação é, em função também dos, dos meus professores é, recebi esse, esse conhecimento, então era um perfil no qual buscava o tecnicismo, no qual buscava a formação de equipe, formação de atleta, então, e eu já trazia isso como aluno de escola, eu só só,dei continuidade a isso. (Sílvio, escola B)

(...)pra nós era exigido... que nós fossemos atletas, não educadores (...) no meu tempo eles queriam atletas, eles cobravam da gente tempo... e tinha que vencer sempre. (Marta, escola B)

Ah era dividido tudo em vôlei... assim só tinha quatro esportes né, na educação física só (...) tinha vôlei, futebol, handebol e...basquete (...). Era dividido isso em módulo um, dois e três se não me engano... era isso, ensinavam regras né e... educativos, e a gente aprendia a da aula desse jeito. (Bárbara, escola C)

Nestas falas pode-se concluir que no tempo de alunos da graduação as aulas eram voltadas ou para o rendimento, como ressaltam Sílvio e Marta, ou para a recreação como destaca a professora Adriana, sendo que na fala desta última há um fato muito preocupante, pois explicita que os alunos muitas vezes decidiam sobre o que ia ser desenvolvido em aula. Outra questão é que no que se refere às

modalidades desenvolvidas, que em suma são as mesmas que os entrevistados abordam atualmente como professores.

Constatou-se que os esportes desenvolvidos pelos professores nas escolas participantes do estudo são basicamente os esportes coletivos, tidos como “clássicos” da educação física que são: basquete, futsal, handebol e vôlei, como já havia sido constatado nos estudos de Freitas (2001), Betti (1999), ou se usarmos a classificação dos esportes de González (2004, 2006) percebemos que são abordados apenas dois tipos de esporte: três de invasão (basquete, futsal e handebol) e um com rede divisória (vôlei)

Eu começo com os educativos né... e os fundamentos, mais eu gosto de trabalhar todos os... desportos coletivos ahn em todas as séries, pra não ficar muito maçante pra o professor eu acho pra mim e pra os alunos, por exemplo, ahn (...) um trimestre só um desporto outro trimestre outro ou ahn quinzena então eu trabalho um pouco de cada um pra aula se bem atrativa tem uns, como eu disse,(...) tem habilidade numa coisa outros noutra, então assim oh eu não gosto muito de basquete, mas eu sei que eu vo trabalha basquete mas em seguida eu vo te o handebol, vo te o futsal vo te o voleibol então um pouco de cada um. (Marta, escola B)

Vôlei, futsal, basquete, o handebol a gente faz também trabalho antes do handebol o handebol sem bola, que eles são a bola no caso, ahn eu incentivo eles também tipo corda, assim não deixa que aquelas brincadeiras de origens passadas né que eram mais... por mais que eles estejam na sétima oitava série... pra eles não se esquecerem também né ahn (...) do antigamente como é que eram (...) (Eduarda, escola C)

(...) eu to tentando paralelo com as quadras lá de cima, futsal, vôlei, handebol, basquete, são os básicos né (Adriana, escola A)

Alguns professores além destes esportes também ressaltaram que trabalham com o atletismo e outros conteúdos

Eu penso que eles (...) tenham noção de um pouco de cada esporte né, como eu trabalho com quinta e depois continuação na sexta, então eles tem embasamento do atletismo, do handebol, do basquete e do futebol. Entre outras coisas que a gente trabalha assim teoria, regras em sala de aula quando dá, geralmente nos dias de chuva né que a gente fica com o espaço limitado então a gente da a parte teórica e a parte prática do esporte. (Rita, escola A)

(...) eu gosto de trabalha com corda, eu gosto de trabalha ocupando os espaços que eu tenho aqui, eu tenho colchonetes, então eu trabalho bastante condições de bastante situações de movimentação, deslocamento, de saltos... não só o esporte né, gosto também de trabalhar bastante essa questão da condição física do meu aluno (Sílvia, escola B)

A professora Adriana, também salienta que além dos espaços da escola utiliza a estrutura militar, localizada próxima a escola, para a realização e diversificação dos conteúdos de sua aula.

(...) alguma coisa de atletismo que a gente pega as quadras ali o campo deles pra fazer corridas, saltos né, mas quando tem o officio pra regulamentar, basicamente isso ai. (Adriana, escola A)

Um fator importante levantado por um professor se refere na forma de como o esporte é trabalhado em aula. O colaborador faz questão de frisar que todos os esportes são desenvolvidos de forma que todos possam participar.

Todos os esportes são trabalhados para todos né, mesmo entendendo que alguns tem um pouquinho mais de facilidade, tem um pouquinho mais de qualidade eu crio situações crio adaptações no qual todos tenham a mesma igualdade de condições de participar, então ai vem aquilo que eu acho mais importante é que se trabalha dentro do esporte, a participação de todos. Ah tem uma ou outra que não participa, tem uma ou outra que não gosta, tem!, mas isso é um desafio da gente, então a grande vitória e ai eu posso falar sobre isso, a grande vitória minha com relação às aulas de educação física é quando eu consigo, e ai em função deles, em função do trabalho, a gente consegue quase que em todas as aulas ter cem por cento de participação dos alunos. (Sílvia, escola B)

5.2.2. Justificativas para a escolha dos esportes abordados em aula

Os critérios que mais foram salientados por parte dos professores para justificar as escolhas dos esportes abordados em aula foram a questão do material disponível e espaço físico adequando e suas condições. Estes achados também foram elucidados nos estudos de Pereira (2009), Freitas (2001), Molina Neto (1998/2, 1997/2, 1996).

Olha aqui no colégio como eu acho que a gente tem ahn... os recursos são limitados né, até agora eu tava querendo tenta pega um pouco de basquete, mas a quadra tá tão horrível que tá bem complicado, com risco de lesões(...) (Adriana, escola A)

(...) para o planejamento ahn... a gente segue muito aqui, eu e os outros professores, conforme o que eu te falei, os recursos né, material disponível, tem muito haver, não adianta fazer ahn uma aula com 300 alunos com uma bola de basquete, eu sei que pode fazer isso, mas fica bem complicado né, então vai varia bastante conforme o recurso e a comunidade escolar. (Adriana, escola A)

Na escola pública a gente da uma noção, fundamentos, no ensino fundamental né, um pouquinho de cada coisa né ih a escola conforme também a realidade da escola... que a nossa realidade, a escola pública né, tá bem difícil quanto a... por exemplo estrutura física né... por exemplo aqui essa escola, isso aqui, uma escola grande e não tem um pavilhão né... e nem material (...) (Marta, escola B)

Hoje a situação é bem diferente da (...) qual eu vivi como aluno, cheguei a... viver uma parte como professor, mas hoje a realidade é totalmente diferente, né hoje as escolas não estão preparadas (...) sinto que hoje as escolas não não tem uma estrutura (...) Ah nós temos uma dificuldade que é a quantidade de materiais né, e a estrutura também da escola com relação aos espaços, eu tenho dois espaços bons dentro da minha escola, espaços grandes, mas que não possuem uma qualidade boa, eu tenho uma quadra que possui um tamanho muito bom, mas que possui alguns buracos, muito cheia de terra, enfim não... consegue mostrar uma qualidade boa para que meu aluno desenvolva melhor o seu trabalho né, tem algumas situações que até há o risco dele se machuca. Em função dessas situações eu procuro trabalha do método global né é, trabalho voleibol, trabalho basquetebol, trabalho handebol e trabalho futebol, mas em função (...) desses problemas, dessa carência também de material a gente vai fazendo alguns ajustes né, algumas situações a gente vai tentando é... faze o melhor né, o bom seria que eu tivesse vinte bolas de voleibol, vinte de basquete, vinte de handebol e assim por diante, mas eu não tenho né, nós temos essa dificuldade (...) (Sílvio, escola B)

Outros fatores também foram citados para explicar a escolha pelos esportes desenvolvidos nas aulas de educação física, como pode ser percebido na fala da professora Eduarda, que seleciona os esportes de acordo com a sua popularidade junto a turma, ou seja, os que os alunos têm maior conhecimento. Desta maneira acaba por privar os alunos de ampliarem seus conhecimentos acerca dos esportes. Argumentos semelhantes a este foram encontrados no estudo de Neuenfeldt; Canfield (2001)

(...) eu escolho pelos mais populares assim, (...) os que eles conhecem mais... no caso assim que ahh que é os mais tradicionais no caso né. Que é o futebol, vôlei, basquete, mas sempre faço também antes da aula um alongamento e aquecimento. (Eduarda, escola C)

As respostas que os alunos dão durante as atividades também foi citada como fator de escolha de que esporte abordar.

Eu escolho em função da (...) motivação do meu aluno, em função as vezes da... do tempo né, no frio é muito difícil da gente jogar voleibol, no espaço aberto as vezes é muito difícil a gente te um... jogo no qual a gente fica um pouquinho mais parado, então em algumas situações eu escolho o esporte é mas é... não determino um único pro (...) trimestre inteiro ou pro ano inteiro, mas é... eu acredito que é muito em função... daquilo que motive eles (...) (Sílvio, escola B)

Um fato positivo é que as constatações de Torri, Albino e Vaz (2007) não se apresentam em nenhuma das escolas participantes do estudo. Apenas uma das três escolas participa de competições escolares, e os alunos envolvidos na equipe não ficam sem aula de educação física e nem são liberados da mesma. Os treinamentos basicamente são realizados no turno inverso ao horário de aula.

(...) basicamente eu levo futsal e futebol de campo né ahh e tento treiná-los talvez em horários ou paralelos ao que eu faço né ou turno inverso, né quando eu to aqui e tem algum período vago(...) (Adriana, escola A)

[Nunca é no teu horário da aula de Educação Física?] (Entrevistador)
 Não, raramente eu faço isso, já aconteceu de eu pega a aula de educação física ahh com grupos pequenos, turmas pequenas que se conhecem e fazo paralelo um treino com a equipe, por exemplo, da manhã com a tarde, mas nunca faltando né essa aula pra isso né. (Adriana, escola A)

Interessante foi o relato de um professor sobre uma dificuldade para a realização e organização das atividades em aula.

(...) sinto hoje que os alunos também, principalmente dentro da escola pública, os alunos que nós estamos recebendo, nós temos alunos que possuem inúmeras carências, é são alunos as vezes que não possuem uma alimentação correta, não possuem uma orientação boa, é... os grupos são extremamente heterogêneos, eu tenho é alunos de sexta série com dezessete, dezoito anos de idade e tenho alunos também nessa sexta série com onze, doze anos de idade, então fica muito difícil da gente tentar fazer um trabalho muito parecido com o que era de antigamente. (Sílvio, escola B)

A grande diferença de idade entre alunos de uma mesma série é um fator preocupante que assola principalmente a escola pública, e acaba por dificultar bastante a ação do professor nas aulas de educação física. Para as demais disciplinas essa questão parece não interferir de modo tão significativo no andamento das aulas, isso se deve ao fato de o professor saber claramente o que o aluno precisa saber para ser promovido (ou não) de um ano para o outro. Essa compreensão não acontece na educação física, o professor não tem claro o que o aluno precisa saber ou não nas diferentes séries da escola básica. E como o trabalho do professor Sílvio é baseado na motivação do aluno – como ele mesmo mencionou anteriormente – e não no que ele deverá aprender nas aulas, realmente fica complicado de se propor alguma atividade sequencial.

5.3. A articulação entre escola e professor para a elaboração das aulas de educação física

Foi solicitado a cada escola uma cópia do seu PPP, seu plano de estudos e plano de trabalho. O objetivo era analisar se os planos de estudos e de trabalho estavam fundamentados nos ideais do PPP, bem como se a realidade destes documentos condiziam com os depoimentos dos entrevistados. Cabe salientar que com exceção ao plano de estudos da escola C, todos os documentos eram referentes a anos anteriores, mais precisamente 2008 e 2009. Com relação ao PPP:

(...) exige profunda reflexão sobre as finalidades da escola, assim como a explicitação de seu papel social e a clara definição de caminhos, formas operacionais e ações a serem empreendidas por todos os envolvidos com o processo educativo. Seu processo de construção aglutinará crenças condições, conhecimentos da comunidade escolar, do contexto social e científico, construindo-se em compromisso político e pedagógico coletivo. Ele precisa ser concebido com base nas diferenças existentes entre seus autores, sejam eles professores, equipe técnico-administrativa, pais, alunos e representantes da comunidade local (VEIGA, 2008, p. 9).

A escola C não permitiu que eu tirasse uma cópia do seu PPP, apenas tive acesso ao documento na própria escola. Tanto a escola A quanto a B me forneceram uma cópia do material sem maiores problemas. As três escolas

caracterizam-se por atender na sua grande maioria alunos com famílias de classe média baixa. Segundo os PPP, as escolas levam em consideração ao elaborá-lo a opinião de pais, professores e alunos, condições adequadas para o ensino, bem como a formação integral do aluno. Percebemos estes objetivos nos trechos retirados dos PPP das escolas participantes do estudo.

A comunidade escolar desta escola é, predominantemente, de classe média baixa e baixa, o que leva a preocupar-se em atender e proporcionar condições de acompanhamento e integração, bem como atividades extra curriculares para suprir carências oriundas do meio em que se encontra inserida. A partir disto, a comunidade (pais, professores e alunos), foi convidada a participar de um levantamento de sugestões e conceitos sobre o que representa a Escola na família, o que a família espera da Escola, como a Escola contribui na família e o que deve mudar na Escola para benefício do aluno. (escola A)

A comunidade escolar reflete constantemente sobre seu papel, sua função social, sua necessidade de planejar e estabelecer objetivos tais como: importância da participação da comunidade escolar; valorização do educando e o respeito às suas necessidades; qualificação e formação dos profissionais da educação; espaços físicos organizados e bem utilizados; material didático que facilite o trabalho do professor; número de alunos condizente com o espaço físico da sala de aula; recursos humanos, pedagógicos e financeiros; regras de convivência em grupo, muito claras; melhor qualificação profissional e salários compatíveis; restabelecimento da motivação e credibilidade dos professores. (escola B)

A escola espera um aluno com iniciativa e criatividade para o exercício consciente da cidadania, integrando-o ao ambiente escolar (...). O aluno que pretendemos formar deverá ser capaz de aplicar conceitos e informações de diferentes áreas do conhecimento. Deverá ser capaz de conviver social e familiarmente de modo responsável, participativo, respeitador, crítico e criativo. (escola C)

5.3.1. Análise dos Planos de Estudo e Planos de Trabalho

O plano de estudos é um documento elaborado coletivamente pela escola, nele devem constar os objetivos da disciplina de uma forma ampla levando em consideração a realidade da escola. Por sua vez o plano de trabalho consiste na prática de cada professor, mas que deve ser elaborado coletivamente entre os demais docentes. Neste documento são apresentados os objetivos específicos de

cada área e série, mas que devem estar de acordo com as finalidades e os anseios do plano de estudos. Importante de salientar que no plano de trabalho deve ser levada em consideração a realidade da turma.¹

Com relação à análise do plano de estudos e plano de trabalho foi possível constatar que há uma falta de organização por parte das escolas e professores no que se refere a estes documentos. A escola A possuía apenas o plano de trabalho, e mesmo assim só consegui, com a escola, o material referente à 5ª e a 8ª série, sendo este referente a 2008. A escola B pediu que eu solicitasse estes documentos diretamente com professor de educação física, este por sua vez informou que o plano de estudos não foi concluído e que eu solicitasse a escola o antigo, acabando desta forma por não poder contar com este material para o presente estudo. A escola C possuía apenas o Plano de estudos (2010) que me foi disponibilizado.

Ao analisar estes documentos da escola A e C foi possível compreender que ambas primam pelos valores abordados nos seus PPP, no que se refere a questões cognitivas, sociais e afetivas. Com relação aos conteúdos é nítido que o esporte é o conteúdo predominante das aulas. Na escola A pude perceber que não há nenhuma diferença com relação aos conteúdos a serem desenvolvidos durante o ano letivo, bem como não há diferenciação quanto ao grau de complexidade dos conteúdos entre 5ª e 8ª série. Esta falta de hierarquia com grau de complexidade também é abordada no estudo de Kunz (2000) onde aborda o fato de a educação física não possuir um programa mínimo de conteúdos e nem ter seus objetivos claramente definidos para cada série de ensino. Já a escola C apesar de abordar os mesmos esportes de 5ª a 8ª série, tem diferentes graus de complexidade para cada uma das séries finais do ensino fundamental. Contudo foi possível constatar através das entrevistas que independente de ter ou não planos de estudo e de trabalho a serem seguidos os professores não se preocupam muito com isso.

A escola deu tudo pronto pra nós... (Bárbara, escola C)
[você não participaram então da preparação do plano]
(Entrevistador)
Isso ai foi feito, mas há muito anos atrás, com outros professores, e como tá pronto sempre pega o mesmo, eu quase nunca pego o

¹ Texto de orientação sobre Planos de Trabalho, elaborado em julho de 2002 pelo Grupo de Estudos dos professores da Rede Municipal de Estância Velha - RS

plano... eles não exigem né, não é que nem escola particular que tu tem que seguir aquilo. (Bárbara, escola C)

O plano de estudos da escola nós ainda estamos construindo né, a escola... início do ano se preparou pra organiza o seu PPP, mas infelizmente ainda não houve tempo para isso, é o plano de estudos também, a gente tem algo já encaminhado que é o mesmo de quando cheguei aqui na escola, mas que há a necessidade de algumas modificações... a escola ainda não paro pra organiza toda essa situação. (Sílvia, escola B)

Eu perguntei dai elas disseram “não igual às outras escolas, tu trabalha como tu quiseres”, então né, eu claro que quando cheguei na escola perguntei, queria sabe qual é a proposta pedagógica da escola, qual é a metodologia utilizada pela escola se tem alguns projetos em andamento, porque... acho que tudo tem que ser integrado, tu também faz parte, então ela tem que... se tão trabalhando num projeto na escola não interessa a disciplina, nós também temos que participar, porque eu acho que o professor de educação física também tem a sua parcela né de contribuição, e foi me dito que era pra trabalhar como... o que eu gostaria porque é igual a todas escolas então... (Marta, escola B)

As falas destes professores mostram que não há uma preocupação por parte das escolas em verificar se o que é proposto no plano de estudos está sendo posto em prática, isso se existe plano de estudos, como foi evidenciado pelo professor Sílvia. Também há o descaso da escola com a disciplina, pois segundo relato da professora Marta, que iniciou na escola durante o presente ano letivo, ao perguntar o que deveria trabalhar com os alunos, foi dito que abordasse o que ela quisesse. Constatações semelhantes a estas podemos perceber no estudo de Molina Neto (1998/2):

A adaptação das orientações da administração, como também sua rejeição, constituem uma estratégia de resistência e de autonomia de trabalho. Isto confere uma certa identidade ao professorado de educação física entre os professores da escola. Nesse sentido, seus argumentos são muito sugestivos. Consideram que o trabalho na escola pública está essencialmente vinculado ao interesse do professor, pois se ele não tiver interesse, passa o tempo sem que ninguém sinta sua presença, pois é livre para executar o plano que quiser. Acreditam que a própria administração não tem claro seu projeto pedagógico (p. 39).

5.3.2. Perspectivas para a educação física com a implantação dos referenciais curriculares nas escolas do estado

Os Referenciais Curriculares estão sendo implantados nas escolas do estado desde o início de 2010, desta forma os professores foram questionados sobre o que acharam deste material e se estes surtiriam algum efeito no planejamento de suas aulas no que se refere ao esporte. Houve relatos de professores acham esta mudança totalmente benéfica, que auxiliará, inclusive na diversificação de suas aulas, mas ressaltando que ainda não o puseram em prática.

(...) nós também não paramos pra senta, pra estudar pra fazer uma reflexão sobre isso tá... até (...) dei uma lida tá acredito que seja muito bem organizado né muita coisa ali possa, pode ser aproveitado e deve ser aproveitado, fico muito feliz porque agora realmente a gente consegue da um padrãozinho né todas escolas de acordo com as séries devem é... desenvolve determinadas atividades isso é muito bacana né (...) eu acho extremamente importante, a condição da autonomia que nos facilita em determinados momentos também nos prejudica em outros né, eu acredito (...) que esses planos foram criados agora venham facilita um pouquinho a nossa vida, só que infelizmente ainda também não houve tempo pra senta, estuda e tenta organiza.(...) vai have uma necessidade de uma diversificação com relação aos conteúdos a serem desenvolvidos né então vai quase obriga o ao professor, dele trazer situações diferentes para o aluno nas aulas de educação física é... infelizmente a gente sabe que em algumas escolas, por exemplo, se começa o ano com voleibol e se termina o ano com voleibol né eu acredito que isso seja, que essa mudança seja extremamente benéfica, principalmente para o aluno e para nós também que vai criar alguns desafios e vai nos desacomodar um pouquinho. (Sílvio, escola B)

Em julho deste ano, mas antes um pouquinho disso a gente já havia recebido os livros, já havíamos nos reunido, é alguns professores, então alguns já tomaram a liberdade de trabalhar alguma coisa que vem no livro né, eu fui uma que trabalhei com as quintas a parte da jogos de antigamente, jogos motores né, eu inclui, na minha, no meu planejamento essas atividades ai. (...) gente tem essa linha de trabalho só do esporte e o referencial veio com uma estratégia diferente, trabalhando coisas diferentes ahn, identificando o que trabalhar em cada série, para não se tornar repetitivo na quinta, sexta, sétima e oitava a mesma coisa (...). (Rita, escola A)

Acho que sim, porque tudo vem a somar e acrescentar e acho que a gente também não pode ficar atrás né, essas coisas estão... esses referenciais vieram né ahn... pra melhorar isso que todo mundo quer né, que só diz que a educação vai mal mas ninguém faz nada então a gente acho que tem que... alguém tem que fazer alguma coisa, se

cada um fizesse um pouquinho a sua parte acho que tem mais é que melhorar né. Acho importante ahn melhorar nossa sala de aula né, o dia-a-dia né, que tem essas modificações (...) (Marta, escola B)

Dois dos entrevistados ainda não tinham tomado conhecimento do que tratava os referenciais curriculares

Não faço ideia porque eu não sei qual é o tema que eles trataram lá né (Bárbara, escola C)

Não sei, eu entrei esse ano no Estado (...) é que eu não faço nenhum planejamento baseado em alguma coisa, eu faço planejamento baseado no que eu aprendi eu não pego nenhum referencial pra te alguma referência de alguma coisa entendeu. (Eduarda, escola C)

A fala da professora Eduarda nos remete novamente ao estudo de Kunz (2000), pois ela não organiza seu planejamento baseado em nenhum documento ou referencial, ela o organiza de acordo com suas crenças.

Houve um entrevistado que considerou que os referenciais curriculares não terão nenhuma influência com o trabalho dos esportes na escola

(...) eu acho que não porque tem referenciais curriculares ali que são ahn... quase utópicos né, por exemplo, eles comentam uma das coisas é leva pra esportes aquáticos, quase obrigatoriamente, não acho errado, mas ahn eu já não to naquela fase de leva quarenta alunos pro Guaíba né com cordinha, como eles sugeriram no curso que a gente fez agora ahn... e... bota tudo a nada. Se eu tivesse condições, uma piscina né, faze uma experiência com natação como eu já levei alguns daqui, ótimo, mas assim como currículo eu acho quase inviável, certas coisa né, não tão radical. (Adriana, escola A)

Pode-se perceber que nenhum dos entrevistados tem muita propriedade para falar sobre os referenciais curriculares, o que já era de se esperar, tendo em vista que foram disponibilizados há pouco tempo, sendo que algumas escolas já o estão adotando e outras ainda não o puseram em prática. Porém é necessário mesmo que o professor venha a discordar do que nele consta, como o caso da professora Adriana, que tome conhecimento deste material que servirá como uma ferramenta de auxílio para as disciplinas escolares da rede estadual de ensino, e não fique alheio ao seu conteúdo como no caso das professoras Eduarda e Bárbara.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito já se falou e muito ainda irá se falar sobre a prática dos esportes nas aulas de educação física. No entanto um posicionamento unânime é no que diz respeito à importância de sua presença nas aulas, seja como forma de aprimorar a cultura corporal de movimento, seja como forma de ensinar valores como o respeito a si e ao próximo, questões éticas, disciplina, entre tantos mais que poderiam ser explicitados. Outro fato que não se pode omitir é que este conteúdo é predominante nas aulas. Deixo claro aqui que não diminuo a importância dos demais conteúdos previstos para a educação física, apenas faço menção à constatação de uma evidência levantada nesta investigação.

No que tange à coleta de dados, cabe frisar que os professores participantes se mostraram receptivos ao meu estudo. Desta forma através das entrevistas foi possível compreender um pouco dos problemas existentes nas instituições nas quais lecionam, que não parecem ser tão diferentes das demais escolas da rede estadual da cidade de Porto Alegre. É perceptível a falta de um plano de estudos e plano de trabalho que seja efetivamente posto em prática. É preciso que a instituição mostre interesse pela prática pedagógica de seus professores. E que situações como o revelado por um dos sujeitos, na qual a escola comunicou que a professora poderia organizar suas aulas como achasse melhor, ou ainda como em outra instituição, onde a professora revelou que não precisa seguir um plano de estudos, pois na escola pública não há a cobrança e fiscalização por parte da direção como acontece nas escolas particulares, sejam tratadas com naturalidade.

Com relação às justificativas para a escolha dos esportes que abordam em suas aulas um dos argumentos que mais foram utilizados pelos colaboradores do estudo foi a questão dos materiais disponíveis e à arquitetura escolar. Desta forma muitas práticas não podem ser realizadas por não existirem materiais suficientes e adequados, bem como os espaços não são apropriados ou não existem, e se existem, algumas vezes estão em más condições de uso. Cabe ressaltar que apenas os professores da escola C não citaram a falta de materiais como justificativa para as suas escolhas. Com relação à infra-estrutura da arquitetura escolar, a escola A possui três quadras poliesportivas, que apesar de não estarem em totais condições de uso podem ser utilizadas, além disso, dispõe de um imenso espaço físico que também pode ser usufruído. A escola B, por sua vez, possui uma

quadra poliesportiva, que não se encontra em boas condições, segundo relato do próprio professor, e mais alguns espaços adaptados no pátio da escola. Já a escola C é a que menos apresenta espaços para as aulas de educação física, as aulas são realizadas no pátio, em alguns espaços adaptados e em um pequeno ginásio, que facilita e muito as atividades nos dias de chuva. Estas questões referentes ao material e espaço apropriado realmente fazem parte da “paisagem” destas escolas, e limitam muito a elaboração do planejamento das aulas de educação física, cabe ao professor buscar alternativas para que sejam trabalhados esportes além destes que os materiais, e principalmente a arquitetura escolar (quadra poliesportiva), propiciam pela sua facilidade (futsal, basquete, handebol e vôlei).

Experiências vividas anteriormente pelos professores entrevistados também podem ser compreendidas como forma de entender suas escolhas na hora de desenvolver os conteúdos em suas aulas. Foi possível perceber que eles preferem desenvolver as atividades que os mesmos tiveram vivência, seja na escola, faculdade, ou no meio competitivo. Pois apenas uma professora não ressaltou ter sido atleta.

Fatores como a motivação do aluno foram citados por um professor, juntamente com as condições climáticas como parâmetros para abordar um esporte ou outro. Desta forma o professor seleciona o esporte dependendo de como está sendo a resposta dos alunos durante a aula, bem como que se estiver muito frio escolhe um esporte no qual o aluno se movimenta mais. A questão da popularidade do esporte também aparece como justificativa para um dos colaboradores. Estas justificativas deixam a impressão de que os professores não tem um planejamento com relação aos esportes trabalhados em suas aulas. Ou ainda que não criam situações novas de aprendizagem para seus alunos, pois é muito mais cômodo desenvolver conteúdos que os alunos já conheçam (populares) do que propor algo totalmente novo, que desprenderá muito mais da capacidade didática do professor.

Em suma evidenciou-se que nas escolas que colaboraram com o estudo os esportes desenvolvidos nas aulas de educação física são os “esportes clássicos” desta disciplina, que nada mais são que o futsal, handebol, vôlei e basquete. Cabe salientar que esta não é prática exclusiva destas escolas, realmente estes esportes são conteúdos da educação física há muito tempo. Aqui deixo claro que não sou contrário a estas práticas esportivas, a questão central não é esta, mas será que só estes esportes devem ser desenvolvidos em aula? Em meio a tanta diversidade no

mundo dos esportes, é correto abordar apenas quatro? Sinceramente penso que não, se pode muito mais do que isto e os alunos merecem muito mais do que isto, cabe ao professor mostrar mais interesse pela sua área de atuação e buscar alternativas para desenvolver de uma melhor forma estas questões, literatura disponível não falta para que se ponha em prática algo que vá um pouco além disso. Ressalto também que o problema não é exclusivo dos professores, é preciso que as instituições de ensino prestem mais atenção a esta disciplina e que propiciem ao docente melhores condições para exercer o seu trabalho.

Uma alternativa que pode vir a contribuir para uma melhor diversificação dos esportes nas aulas de educação física são os Referenciais Curriculares do RS, que já estão disponibilizados para as escolas do estado, cabendo as escolas o adotarem para sua prática docente. Neste o esporte é abordado como um conteúdo e classificado através de sua lógica interna, desta forma objetiva fazer com que o aluno compreenda o sistema de características existentes e as consequências que cada ação motora acarretará, dividindo os esportes em “tipos” e não “modalidades”. Os Referenciais Curriculares não consistem em um modelo pronto, mas sim de um guia para indicar um norte sobre como as escolas e os professores podem se portar. Cabendo cada escola adaptá-lo as suas características. Ele deve funcionar como uma ferramenta para os planos de estudos nas escolas, e não como uma camisa de força (GONZÁLEZ; FRAGA, 2009).

O esporte na escola é um tema de extrema importância na educação física escolar, sendo abordado em diversas pesquisas. Creio que através deste estudo pude explicitar a importância de estudarmos esta questão não apenas no que se refere ao modo como é abordado (competitiva, cooperativa), mas também a relevância de sua diversificação para o aluno.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luciano de; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **O que ensinar e aprender nas aulas de educação física na escola?** In: <<http://www.efdeportes.com>> / Revista Digital – Buenos Aires – Año 11 – nº 102 – Noviembre de 2006.

BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide aparecida de Souza. **Projeto de pesquisa:** propostas metodológicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

BETTI, Irene Conceição Rangel. **Esporte na escola:** Mas é só isso professor? In: Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, vol. 1, nº 1, p. 25-31, 1999.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. **Educação Física Escolar:** Uma proposta de diretrizes pedagógicas. In: Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, ano 1, nº 1, p. 73-81, 2002.

BRACHT, Valter. Esporte de rendimento na escola. In: **Esporte de rendimento e esporte na escola** / STIGGER, Marco Paulo; LOVISOLO, Hugo (orgs.) – Campinas, SP: Autores Associados, p. 11- 26, 2009.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 114p, 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 174 p, 1998.

BRITTEN, Nicky. Entrevistas qualitativas. In: **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde** / Catherine Pope, Nicholas Mays; tradução Ananyr Porto Fajardo. – 3. Ed. – Porto Alegre: Artmed, 2009.

COLETIVO DE AUTORES / **Metodologia do ensino de educação física.** – São Paulo: Cortez - Coleção magistério 2º grau, série formação do professor - 119p, 1992.

DENZIL, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa:** teorias e abordagens; tradução Sandra Regina Netz. – porto Alegre: Artmed, 432p., 25 cm, 2006.

FLICK, Uwe. **Introdução a Pesquisa Qualitativa** / Uwe Flick; tradução Joice Elias Costa. – 3. ed. – Porto Alegre: Artemed, 405p., 25 cm, 2009.

FREITAS, Antônio Luís Carvalho de. **Os conteúdos escolares da Educação Física no ensino fundamental** / Antônio Luís Carvalho de Freitas. Porto Alegre: UFRGS, 2001. (Dissertação de mestrado)

GAYA, Adroaldo. Sobre o esporte para crianças e jovens. In: **Esporte de rendimento e esporte na escola** / STIGGER, Marco Paulo; LOVISOLO, Hugo (orgs.) – Campinas, SP: Autores Associados, p. 49- 70, 2009.

GAYA, Adroaldo; TORRES, Lisiane. O Desporto na escola: enquadramento da prática. In: **Desporto para Crianças e Jovens:** razões e finalidades / GAYA, Adroaldo; MARQUES, António; TANI, Go (Or.) – Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 57-74, 2004.

GONZÁLEZ, F. J. ; FRAGA, A. B. Referencial Curricular de Educação Física. In: **Lições do Rio Grande:** Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Rio Grande do Sul. Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico. (Org.). 1 ed. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul, v. 2, p. 113-181, 2009.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Projeto Curricular e educação física: o esporte como conteúdo escolar. In: Ricardo Rezer. (Org.). **O fenômeno esportivo:** ensaios críticos-reflexivos. Chapecó, SC: ARGOS, p. 69-109, 2006.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. **Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação.** In: <<http://www.efdeportes.com>> Revista Digital – Buenos Aires – Año 10 – nº 71 – Abril de 2004

GRAÇA, Amândio. O Desporto na escola: enquadramento da prática. In: GAYA, Adroaldo; MARQUES, António; TANI, Go (Or.) **Desporto para Crianças e Jovens: razões e finalidades** – Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 97-112, 2004.

GRESSLER, Lori Alice. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios** / Lori Alice Gressler. – 2. ed. Rev. Atual. – São Paulo: Loyola, 295 p., 2004.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte/** Elenor Kunz. – Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 160p., 2000.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica** / Eva Maria Lakatos, Marina de Andrade Marconi. – 5. ed. – reimp. – São Paulo: Atlas, 2009.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL – LDB n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em 05 de outubro de 2010 às 9h e 40 minutos.

MOLINA NETO, Vicente. **A prática dos professores de educação física das escolas públicas de Porto Alegre** In: *Movimento*. Porto Alegre RS: Escola de Educação Física da Universidade federal do Rio Grande do Sul, ano V, nº 9, p. 31-46, 1998/2.

MOLINA NETO, Vicente. **A cultura do Professorado de educação Física nas escolas públicas de Porto Alegre.** In: *Movimento*. Porto Alegre RS: Escola de Educação Física da Universidade federal do Rio Grande do Sul, ano IV, nº 7, p. 34 – 42, 1997/2.

MOLINA NETO, Vicente. **A prática do esporte nas escolas do 1º e 2º graus** – 2.ed./Vicente Molina Neto. – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva; MOLINA NETO, Vicente (Or.) **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas** – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Sulina, p. 61-93, 1999.

NEUENFELDT, Derli Juliano; CANFIELD, Marta de Salles. **Repensando o esporte na educação física escolar a partir de Cagigal**. In: *Movimento*. Porto Alegre RS: Escola de Educação Física da Universidade federal do Rio Grande do Sul, vol. 7, nº 14, 28-36, 2001.

PEREIRA, Ricardo Reuter. Os professores de educação Física e Interdisciplinaridade. In: **Quem Aprende?** Pesquisa e formação em educação física escolar / organizador Vicente Molina Neto... [et al.]. – Ijuí: Ed. Unijuí. Coleção Educação Física, p. 105 – 120, 2009

RESENDE, Helder Guerra de; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. **Elementos constitutivos de uma proposta curricular para o ensino-aprendizagem da educação física na escola: um estudo de caso**. Revista Perspectivas em Educação Física Escolar. Niterói: EDUFF, 1 (1), p. 26-35, 1997.

RIBAS, João Francisco Magno. **Praxiologia Motriz: construção de um novo olhar dos jogos e esportes na escola**. In: *Motriz*. Rio Claro, v. 11 n. 2 p. 113 – 120, mai./ago, 2005.

SANCHOTENE, Mônica Urroz. O Que Fazem os Professores nas Escolas: Sob Uma Educação Física de Mesmo Formato estão “em Jogo” Diferentes Socializações. In: **Quem Aprende?** Pesquisa e formação em educação física escolar / organizador Vicente Molina Neto... [et al.]. – Ijuí: Ed. Unijuí. Coleção Educação Física, p.158 – 171, 2009.

Secretaria da educação do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/educa.jsp>> Acesso em 09 de novembro de 2010 às 9h e 20 minutos.

SOARES, Carmen Lúcia. **Do corpo, da Educação Física e das muitas histórias.** In: *Movimento*. Porto Alegre RS: Escola de Educação Física da Universidade federal do Rio Grande do Sul, v.9, n.3, p. 125-147, set./dez, 2003.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física Escolar:** conhecimento e especificidade. Revista paulista de educação Física, São Paulo, suplemento 2, p 6-12, 1996.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; VAGO, Tarcísio Mauro. O Ensino de Educação Física em Face da Nova LDB. In: COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE – CBCE (Org.). **Educação Física escolar frente à LDB e aos PCNs:** profissionais analisam renovações, modismos e interesses. Ijuí: Sedigraf, p. 121-141, 1997.

STIGGER, Marco Paulo. **Relações entre o esporte de rendimento e o esporte na escola.** In: *Movimento*. Porto Alegre RS: Escola de Educação Física da Universidade federal do Rio Grande do Sul, vol. 7, nº 14, 67-86, 2001.

THOMAS, Jerry R. **Métodos de pesquisa em atividade física** / Jerry R. Thomas e Jack K. Nelson; Trad. Ricardo Petersen ... [et al.]. – 3.ed. – Porto Alegre: Artmed, 2002.

TORRI, Danielle; ALBINO, Beatriz Staimbach; VAZ, Alexandre Fernandez. **Sacrifícios, sonhos, indústria cultural:** relatos da educação do corpo no esporte. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 33, p. 499-515, set./dez, 2007

VAZ, Alexandre Fernandez. Técnica, esporte, rendimento. In: **Esporte de rendimento e esporte na escola** / STIGGER, Marco Paulo; LOVISOLO, Hugo (orgs.) – Campinas, SP: Autores Associados, p. 135-156, 2009.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Perspectivas para reflexão em torno do projeto político-pedagógico. In: **Escola**: espaço do projeto político-pedagógico / Organização de Ilma Passos Alencastro Veiga, Lúcia Maria Gonçalves de Resende. – Campinas, SP: Papirus, 1998. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico). 13ª edição, 2008.

ANEXO 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

1. Natureza da pesquisa: Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Critérios de escolha dos professores de educação física sobre os esportes tratados em suas aulas entre o 6º e o 9º ano: cotidiano de três escolas da rede estadual de ensino de Porto Alegre”, vinculada à Escola de Educação Física da UFRGS, que tem por finalidade identificar o modo como os professores selecionam os esportes abordados em suas aulas.

2. Participantes da pesquisa: O responsável pela pesquisa é o Prof. Dr. Alex Branco Fraga, que pode ser encontrado em horário comercial no seguinte endereço: Rua Felizardo nº 750; bairro Jardim Botânico; Porto Alegre/RS. CEP: 90690-200, ou pelo telefone: (51) 3308.5821. Além desse, o estudante de graduação Francisco Goldschmidt Filho, que também poderá ser encontrado no endereço Rua Felizardo nº 750; bairro Jardim Botânico; Porto Alegre/RS. CEP: 90690-200, ou pelo telefone: (51) 96671654.

3. Sobre as entrevistas: Trabalharemos com entrevistas individuais semi-estruturadas, com duração entre 15 a 20 minutos, para colher informações sobre como os professores justificam os esportes que são abordados em suas aulas. Estas entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas.

4. Riscos e desconforto: Sua participação nesta pesquisa não traz complicações legais, nem riscos a sua saúde ou a sua dignidade. O inconveniente maior será a dedicação de um tempo para responder às questões da entrevista. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com seres humanos, conforme a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

5. Confidencialidade: Os dados obtidos serão utilizados pelos envolvidos diretamente com a pesquisa para a elaboração/publicação de trabalho de conclusão de curso, artigos científicos, capítulos de livros. O material resultante do trabalho ficará depositado na Escola de Educação Física da UFRGS. Todas as informações coletadas nesta pesquisa são estritamente confidenciais. Em todas as etapas da pesquisa será preservada sua identidade, bem como as identidades de todas as pessoas por você referidas;

6. Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que esta pesquisa resulte em informações relevantes e, de algum modo, subsídios ao trabalho desenvolvido em educação física escolar.

7. Despesas: Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que seguem abaixo:

Eu, _____ acredito ter sido suficientemente informado a respeito do que li ou do que foi lido para mim, descrevendo o estudo “Critérios de escolha dos professores de educação física sobre os esportes tratados em suas aulas entre o 6º e o 9º ano: cotidiano de três escolas da rede estadual de ensino de Porto Alegre”. Concordo voluntariamente em participar deste estudo, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a realização do mesmo.

_____/_____/_____
Assinatura do sujeito ou representante legal Local Data

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito ou de seu representante legal para a participação neste estudo.

| | | |
|--|----------------|------------------------|
| _____ Assinatura do responsável pela pesquisa | _____ Local | ____/____/____ Data |
|--|----------------|------------------------|

ANEXO 2

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevista n°: _____ Data: _____

Local: _____

Início: _____ Final: _____

Colaborador (a): _____

- 1 – Comente sobre sua formação profissional (instituição, ano de graduação, pós-graduação)
- 2 – Comente sobre as experiências mais marcantes que teve nas aulas de Educação Física no seu teu tempo de aluno do ensino fundamental.
- 3 – Fale sobre como se interessou em fazer o curso de Educação Física?
- 4 – Comente sobre como eram trabalhados os esportes no teu tempo de aluno de graduação em Educação Física.
- 5 – Fale um pouco sobre sua atuação como docente e sobre o que mais lhe agrada tratar em aula com os seus alunos
- 6 – Quando o tema é esporte, que estratégias de ensino que você utiliza para tratá-lo em aula?
- 7 – Diante de tanta diversidade no mundo dos esportes, quais são suas principais referências para a organização do planejamento durante o ano?
- 8 – De que modo foi elaborado o Plano de Estudos da Educação Física em sua escola e que espaço o tema esporte ocupa?
- 9 – A escola participa de competições esportivas durante o ano letivo? Como é feita a preparação dos alunos para tal evento?
- 10 – Houve mudanças na elaboração do planejamento de suas aulas a partir da implantação dos Referenciais Curriculares nas escolas do estado?

11 – Você acha que os Referenciais Curriculares terão alguma influência no trabalho com os esportes na escola? Por quê?

12 – Gostaria de acrescentar alguma informação, que considera importante, que não tenha sido contemplada na entrevista?